

**MARINA MELO CINTRA**

**PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO  
MÉDIO:  
O IMPACTO DOS LIVROS NO “CHÃO DA ESCOLA”**

**UBERABA**

**2017**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**Marina Melo Cintra**

**PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO  
MÉDIO:  
O IMPACTO DOS LIVROS NO “CHÃO DA ESCOLA”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Física, área de concentração " Educação Física, esporte e saúde" (Linha de Pesquisa: Teorias sobre Práticas Pedagógicas e sobre Corpo em Educação Física e Esportes), da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Orientador: Dr. Wagner Wey Moreira

UBERABA

2017

**Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do  
Triângulo Mineiro**

C52p Cintra, Marina Melo  
Produção de conhecimento em educação física no ensino médio: o impacto dos livros no “chão da escola” / Marina Melo Cintra. -- 2017.  
83 f. : il., tab.

Dissertação (Mestrado em Educação Física) -- Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2017  
Orientador: Prof. Dr. Wagner Wey Moreira

1. Educação física (Ensino médio) - Estudo e ensino. 2. Livros didáticos. 3. Bibliotecas escolares - Lista de livros. I. Moreira, Wagner Wey. II. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. III. Título.

CDU 613.71

Marina Melo Cintra

**PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO  
MÉDIO:  
O IMPACTO DOS LIVROS NO “CHÃO DA ESCOLA”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Física, área de concentração " Educação Física, esporte e saúde " (Linha de Pesquisa: Teorias sobre Práticas Pedagógicas e sobre Corpo em Educação Física e Esportes), da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Aprovada em 17 de fevereiro de 2017

Banca examinadora:

---

Dr. Wagner Wey Moreira (Orientador)  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

---

Dra. Aline Dessupoio Chaves  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

---

Dr. Cassiano Ferreira Inforsato  
Universidade Metodista de Piracicaba

À minha mãe, Lúcia Helena. Ao meu pai, Antônio Miguel.  
E às minhas irmãs, Vanessa e Débora, a quem devo toda minha vida.

Dedico!

## **AGRADECIMENTOS**

Durante uma jornada de estudos, dúvidas, medos, ansiedades e respostas, muitas foram as pessoas que me apoiaram e me fizeram seguir em frente, mesmo com todas as dificuldades da vida.

Inicio agradecendo ao Autor da minha existência, das minhas conquistas e meu Guia em minhas escolhas. Toda gratidão a Deus por conceder essa vitória tão significativa para mim.

Agradeço à minha mãe, Lúcia Helena, ao meu pai, Antônio Miguel e às minhas irmãs Vanessa e Débora. Obrigada por nunca medirem esforços para realizarem meus desejos, por serem meus confidentes, concederem os melhores conselhos e me apoiarem para que eu nunca desistisse dos meus sonhos.

Meus cunhados, Mauro e Tiago, aos meus sobrinhos, Felipe, Fabrício e Bernardo. Obrigada por deixarem meus dias mais alegres e cheios de amor.

Agradeço aos meus amigos, Thalita, Mariana, Gabrielle, Gustavo e Lucas, obrigada pelos conselhos, carinho, atenção e paciência. Minha trajetória ficou muito mais leve com vocês por perto.

Agradeço à Gabriella e à toda família Alves Martins, pela amizade, acolhimento e hospedagens em Uberaba. Vocês simplificaram minha vida e deixaram-na com muito mais amor.

Muito obrigada ao meu querido orientador Wagner, que em meio às minhas dúvidas e desesperos sempre me auxiliou, me ensinou e me fez compreender a Educação Física de uma maneira belíssima, com olhos voltados ao ser humano que sente, que é sensível e não apenas ao corpo que se movimenta. Obrigada pela paciência, carinho e grandes conhecimentos mediados.

À minha turma de mestrado, que tornou as disciplinas, os estudos e as confraternizações mais alegres. Obrigada por me ajudarem a crescer humanamente e profissionalmente.

Agradeço aos professores, Dra. Regina Simões e Dr. Osvaldo Dalbério, do Programa de Pós-graduação em Educação da UFTM, e aos colegas de disciplinas desse mesmo programa, obrigada pela dedicação e empenho.

Agradeço a todos os integrantes do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Corporeidade e Pedagogia do Movimento - NUCORPO. Obrigada pelos conhecimentos e ensinamentos compartilhados durante a graduação e mestrado.

À Comunidade Hodie que, em meio a um mundo de barulho, impaciência e orgulho, me proporciona momentos de reflexão e aproximação comigo mesma, me mostrando o caminho mais seguro e fácil de ser percorrido, e por quem eu devo me apaixonar todos os dias, Jesus.

Minha eterna gratidão a todos vocês, familiares e amigos, que participam da minha vida e, sem saberem, me fizeram crescer como professora, mulher e humana. Sem vocês a conclusão deste trabalho nunca seria possível.

“Um professor sempre afeta a eternidade.  
Ele nunca saberá onde sua influência termina”.

Henry Brooks



## RESUMO

O Programa Nacional Biblioteca na Escola do Professor (PNBE do professor) caracteriza-se por distribuir livros para os professores de cada disciplina, em todas as instituições de Educação Básica cadastradas no censo escolar. Após observar um aumento da produção de livros pedagógicos para a Educação Física no Ensino Médio nos últimos anos, este estudo objetiva investigar, junto aos professores de Educação Física desse grau de escolarização, a utilização de livros pedagógicos como material de apoio para a preparação de suas aulas. O estudo possui natureza qualitativa e descritiva. Para a coleta dos dados, utilizamos três questionários, que foram aplicados a 15 professores de Educação Física do Ensino Médio da cidade de Franca – SP, pesquisamos nas bibliotecas das escolas investigadas quais livros estão disponíveis para consulta dos mestres e, por último, analisamos no *site* do PNBE do professor quais livros para a Educação Física, referentes ao Ensino Médio, foram comprados. Dados demonstram que menos da metade dos professores de Educação Física utilizam tais livros para a preparação de suas aulas e que poucos docentes conhecem o acervo disponível nas bibliotecas das escolas que lecionam. Constatamos, portanto, que os professores necessitam ter maiores conhecimentos sobre os livros presentes nas escolas e reconhecerem que esses podem ser excelentes auxiliares na preparação das aulas e na obtenção de novos saberes.

**Palavras-chave:** Ensino Médio. Educação Física Escolar. Livros.

## ABSTRACT

The *Programa Nacional Biblioteca na Escola* (PNBE) – National Library Program at the School – of the teacher is characterized by distributing books for the teachers of each school discipline, in all the institutions of Basic Education, enrolled in the school census. Noting an increase in the production of pedagogical books for Physical Education in High School in recent years, the objective of this study is to investigate with Physical Education teachers of this level of schooling the use of pedagogical books as support material for the preparation of their classes. The study has a qualitative and descriptive nature. To collect the data, we used three questionnaires that were applied to 15 teachers of Physical Education of the High School of the city of Franca - SP, as well as researching in the school libraries the books that are available to teachers and analyzed on the teacher's PNBE website, which books for Physical Education in High School were purchased. We find that less than half of the teachers use books for the preparation of their classes and that few teachers know the books available in the libraries of the schools they teach. These data demonstrate that teachers need to have more knowledge about the books present in schools, noting that they can be excellent helpers in preparing classes and gaining new knowledge.

**Keywords:** High School. Physical School Education. Books.

## LISTA DE QUADROS

### QUADRO

1 – Análise comparativa das obras publicadas sobre Educação Física Escolar.....	40
--	----

## LISTA DE TABELAS

### TABELA

1 - Valores estatísticos da distribuição de livros do PNBE do professor em 2011 .....	54
2 - Valores estatísticos da distribuição de livros do PNBE do professor no Brasil e no estado de São Paulo em 2013? .....	55
3 – Livros adquiridos pelo PNBE do professor nos anos de 2011 e 2013.....	56
4 – Caracterização dos professores de Educação Física.....	59
5 – Títulos dos livros que os professores conhecem sobre a Educação Física para o Ensino Médio.....	61
6 - Respostas dos professores de Educação Física para as perguntas 2: “Você utiliza alguns desses livros em seu planejamento da disciplina e em aulas que ministra? ” e 3: “Na biblioteca da sua escola existem livros sobre Educação Física para o Ensino Médio? ” .....	63
7 – Relação de livros de Educação Física para Ensino Médio presente nas bibliotecas das escolas.....	65
8 - Tabela 8 – Respostas dos professores para a pergunta “O que você sente falta em relação a materiais pedagógicos para a Educação Física no Ensino Médio? ” .....	67
9 – Título dos livros que constavam no questionário e relação de professores de Educação Física que conhecem ou leram os livros.....	68

## SIGLAS

CF	Constituição Federal
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EF	Educação Física
EFE	Educação Física Escolar
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
F	Feminino
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Nacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases Nacionais
M	Masculino
N	Não
MEC	Ministério da Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PE	Pedagogia do Esporte
PNBE	Programa Nacional Biblioteca na Escola
PPREF	Pensamento Pedagógico Renovador da Educação Física
SPFE	São Paulo Faz Escola

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>2. EDUCAÇÃO NO BRASIL – ASPECTOS LEGAIS.....</b>	<b>19</b>
<b>3. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO: APONTAMENTOS NECESSÁRIOS.....</b>	<b>24</b>
<b>4. O LIVRO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO FÍSICA.....</b>	<b>35</b>
4.1. PROPOSTAS PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO.....	42
<b>5. A PESQUISA DE CAMPO: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>51</b>
5.1. TIPO DE ESTUDO.....	51
5.2. LOCAL DA PESQUISA.....	51
5.3. SUJEITOS DA PESQUISA.....	51
5.4. COLETA DOS DADOS.....	52
<b>5.4.1 A pesquisa com os professores.....</b>	<b>52</b>
<b>5.4.2 A pesquisa nas bibliotecas das escolas.....</b>	<b>53</b>
<b>5.4.3 A pesquisa no site do PNBE.....</b>	<b>53</b>
5.5. ANÁLISE DOS DADOS.....	53
<b>6 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>55</b>
6.1 OS LIVROS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ADQUIRIDOS PELO PNBE.....	55
6.2 A PESQUISA COM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	58
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>69</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>73</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>80</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>83</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Durante todas as minhas fases de estudos na Educação Básica, a disciplina de Educação Física (EF) me despertava grande interesse. Eu era do grupinho daquelas crianças, mais tarde adolescentes, que contavam as horas para a aula chegar. Não importava qual fosse o conhecimento mediado, as aulas de EF sempre foram ansiosamente esperadas.

Ao longo dessa caminhada, me apaixonei pelo futsal. Quando eu jogava, sentia estar no paraíso. Tantas eram as sensações que me despertava tal esporte, que me reconheço na citação de Bento (2010, p. 32) “o desporto participa na construção da alma, daquilo que temos por dentro, daquilo que preenche os vazios da nossa interioridade”. Era exatamente esse preenchimento que eu sentia ao entrar em quadra.

Assim, a EF sempre esteve presente ativamente em minha vida. Após escolhê-la como profissão e aprofundar-me em seus conhecimentos, descobri a variedade de conteúdos que envolvem a área. Se eu já era apaixonada conhecendo somente os esportes ditos tradicionais, como o futebol, o vôlei, o handebol, o basquete, e a natação, quando entrei em contato, na graduação, com as lutas, o tênis, a ginástica artística e a rítmica, o hipismo, o atletismo, e tantos outros esportes e modalidades, um mundo de possibilidade de superação e de transcendência se abriu para mim.

A partir de então, comecei a pensar o porquê de não ter tido contato com essas outras modalidades da área ao longo de meus estudos no Ensino Básico, afinal, foram mais de dez anos tendo aulas específicas de EF, das quais recordo ter estudado apenas os conteúdos tradicionais no nosso país, como os quatro esportes coletivos mencionados acima, sem que houvesse um planejamento e uma sequência dos aprendizados. Talvez, com a possibilidade de experienciar outros conteúdos, eu poderia ter praticado outros esportes, abrindo maiores oportunidades de explorar a minha corporeidade.

Ao participar do Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana, na Universidade Estadual Paulista – UNESP, em Rio Claro, uma das apresentações orais que assisti me chamou a atenção e veio ao encontro dos meus questionamentos sobre a Educação Física Escolar (EFE).

O palestrante evidenciou os múltiplos livros publicados na subárea da EFE sobre práticas pedagógicas de esportes, que não se limitam apenas aos tradicionais, mas abordam também os variados conteúdos que englobam a área, como ginástica, lutas, danças, jogos, brincadeiras, e vários outros conteúdos que raramente são tratados nas aulas da rede básica de ensino, como também indica Betti et al (2011).

Acredito que, mesmo nós, professores, ao termos essa série de meios de pesquisas sobre os conteúdos e sobre como abordá-los em sala de aula, insistimos em permanecer na mesmice ou no “rola bola”. O palestrante relatou também a falta de estudos sobre esses materiais e a escassez de pesquisas feitas diretamente com os professores que estão inseridos na EFE.

Portanto, comecei a pesquisar estudos científicos e livros que orientassem os professores a ministrarem todos os conteúdos da EFE. Ao longo dessa pesquisa, fui descobrindo vários títulos de livros e artigos sobre o assunto, todos disponíveis e com potencial para ajudar na transformação da atual EFE.

A referência de distribuição de livros sobre EFE no país é o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), criado em 1997 pelo Ministério da Educação. O PNBE é um projeto de incentivo à leitura tanto para os alunos, quanto para os professores. Os livros comprados, das diversas áreas do conhecimento, são disponibilizados na biblioteca das escolas, com o intuito de auxiliar os professores de todas as disciplinas na preparação de suas aulas, assim como aumentar o acervo de livros disponíveis para os alunos.

O Ensino Médio, ciclo de ensino destinado aos adolescentes de 15 a 18 anos, é uma fase preponderante na vida escolar, pois caracteriza os três últimos anos da Educação Básica. Ao final desse ciclo, de acordo com a legislação, o jovem deve estar preparado para a cidadania e para a inserção no mercado de trabalho. A EFE para essa faixa etária apresenta-se como área fundamental, pois abrange conhecimentos voltados para a saúde, para o esporte e para o lazer, formando humanos críticos e autônomos.

Segundo Darido et al (1999), o Ensino Fundamental tem sido alvo de várias pesquisas na EFE, talvez por ser a porta de entrada para uma democratização do ensino e para o início de uma escolarização mais especializada – fragmentada por disciplinas – na qual os adolescentes estão empolgados e dispostos a realizar todo o conteúdo. Já as pesquisas de Betti et al (2011) e Rufino et al (2014) evidenciam que



não há muitos estudos em relação a EFE no Ensino Médio, o que demonstra o preterimento desse ciclo nos estudos científicos da referida área.

Após mencionar o porquê do meu interesse pela EF, especificamente na subárea da EFE, e após refletir sobre todos os aspectos supracitados, com o intuito de contribuir com a sociedade com maiores estudos sobre a EFE, especificamente no EM, o objetivo geral deste trabalho é investigar, junto aos professores de Educação Física do Ensino Médio, a utilização de livros pedagógicos como material de apoio para a preparação de suas aulas.

Para encontrar os resultados dessa meta, percorri alguns caminhos, guiados pelos objetivos específicos, sendo eles: investigar quais referenciais teóricos os professores de Educação Física do Ensino Médio utilizam; analisar quais livros para o trabalho da Educação Física no Ensino Médio os professores conhecem; indagar os professores de Educação Física quais livros de Educação Física para o Ensino Médio estão disponíveis na escola; realizar um levantamento bibliográfico no site do MEC e nas bibliotecas das escolas sobre os livros específicos de EF que o PNBE fornece para os professores.

Como resultado dessa pesquisa, apresento este trabalho com três capítulos de referenciais teóricos - *Educação no Brasil – Aspectos Legais; Educação Física Escolar no Ensino Médio: Apontamentos Necessários* e *O Livro Pedagógico na Educação Física*. A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa, com delineamento para a pesquisa de campo. Esta, se dividiu em três momentos: Primeiro: A pesquisa dos livros de Educação Física para o Ensino Médio, adquiridos pelo governo federal, no *site* do PNBE do professor. Segundo: Aplicação do questionário aos professores de Educação Física do Ensino Médio e, Terceiro: Pesquisa nas bibliotecas das escolas sobre os livros disponíveis para os professores do Ensino Médio.

No primeiro capítulo, foi exposto, de modo exíguo, a trajetória da educação no Brasil após o período militar (1964-1985). Demonstramos como a Lei de Diretrizes e Bases Nacionais e o Estatuto da Criança e do Adolescente conseguiram transformar a Educação Básica, tornando-a gratuita, obrigatória e direito de todo cidadão.

No segundo capítulo, descrevemos sobre a Educação Física Escolar no Ensino Médio, as leis que tornam obrigatória essa disciplina nesse segmento de ensino e seus principais objetivos para os alunos deste ciclo.

No terceiro e último capítulo do referencial teórico, recapitulamos obras importantes para a ressignificação da Educação Física, a partir da década de 80 do século passado, e relatamos autores que escreveram e publicaram livros sobre a Educação Física Escolar no Ensino Médio.

## 2. EDUCAÇÃO NO BRASIL – ASPECTOS LEGAIS

Após vinte e um anos de ditadura militar no Brasil, período entre 1964 a 1985, a população brasileira recuperou os direitos civis e políticos, quando José Sarney assumiu a presidência do país. Nessa época, formularam-se novas propostas para as diversas áreas, trazendo sinais de novos tempos e novas esperanças.

O ponto de partida para uma nova era política se deu com a Constituição Federal (CF) de 1988. O processo constituinte que resultou a nova CF foi o primeiro na história do constitucionalismo pátrio que contou com a participação popular, e que levou a educação a ocupar lugar de destaque na Carta Constitucional (VERONEZE; VIEIRA, 2003).

A CF de 1988 foi o primeiro documento oficial que declarava obrigatória a educação de crianças e adolescentes. O Art. 227 estabelece:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1988).

Até 1988 não havia uma preocupação real em criar mecanismos que fossem eficazes na garantia do direito à educação. Durante muito tempo, a única ação do poder público foi tornar obrigatória a matrícula escolar, como se apenas a matrícula fosse suficiente para garantir a permanência na escola e a formação do aluno (VERONEZE; VIEIRA, 2003).

A CF de 1988, em relação à educação, abrangeu, ainda, a autonomia pedagógica, administrativa e financeira das universidades; a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais à rede regular de ensino; a oferta de ensino religioso no Ensino Fundamental e o respeito às comunidades indígenas ao permitir a utilização de suas línguas maternas nos processos de ensino-aprendizagem (BRASIL, 1988).

Após a nova regência, outras leis que apoiam a educação e os direitos da juventude também foram sancionadas, como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) e as Leis de Diretrizes e Bases Nacionais (LDB, 1996).

O ECA é um documento muito importante para o progresso do país e para o apoio às crianças e aos adolescentes. Veronese e Vieira (2003) especificam que

esse documento veio para garantir o cumprimento dos direitos e das necessidades das crianças e adolescentes, adquirindo, assim, uma proteção integral. Nesse mesmo documento, a educação é colocada como direito a todas as crianças e adolescentes, visando o pleno desenvolvimento humano, tendo direito à escola pública e gratuita próxima de sua residência (BRASIL, 1990).

Em seu capítulo IV, titulado “Do direito à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer”, o documento detalha os direitos da criança e do adolescente em nível educacional, sendo dever do Estado propiciar um ambiente de estudos favorável para o desenvolvimento humano, do Ensino Infantil até o Ensino Médio (BRASIL, 1990). Podemos dizer, então, que esse documento constitui-se um marco na história do Brasil em termos de políticas públicas voltadas para a juventude e em uma legislação específica para essa faixa etária, pois reconhece a crianças e o adolescente como sujeitos que possuem direitos e deveres e, por força de suas particularidades físicas, emocionais e psíquicas, necessitam de proteção.

Já a LDB foi estabelecida em 1996, no mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso, sanção que ocorreu após 11 anos do final do Regime Militar e oito anos após a promulgação da Constituição Federal. Essa tem a sua fundamentação diferenciada das demais legislações, já que fora posta em discussão no Congresso Nacional pelos setores interessados da sociedade (NÓBREGA M., 2011).

A terceira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº9.394/96), conhecida como Lei Darcy Ribeiro, é a vigente hodiernamente e, a partir dela, a educação escolar tem o dever de vincular o aluno ao mundo do trabalho e à prática social. (BRASIL, 1996).

O art. 22 da Lei n.º 9.394/96 caracteriza quais são as quatro dimensões essenciais da formação da criança e do adolescente, que devem ser objeto da ação da Educação Básica: a pessoa humana; o cidadão; o trabalhador e o indivíduo preparado para estudos posteriores (BRASIL, 1996).

Pela LDB 9.394/96, a Educação Básica tornou-se obrigatória e gratuita dos quatro aos dezessete anos de idade, sendo organizada da seguinte forma: Educação Infantil; Ensino Fundamental e Ensino Médio – antigo segundo grau (BRASIL, 1996).

Como forma de comprometimento com a LDB 9.394/96, que especifica que a União possui o dever de estabelecer diretrizes que orientem os currículos nacionais,

outro documento importante, que objetivou uma reforma no sistema educacional, foi a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Proposto como referência básica para a construção das matrizes curriculares, eles traçam um novo perfil para o currículo, apoiado em competências básicas para a inserção dos jovens na vida adulta; orientam os professores quanto ao significado do conhecimento escolar quando contextualizado e quanto à interdisciplinaridade, incentivando o raciocínio e a capacidade de aprender (BRASIL, 1997).

Os PCNs são classificados por ciclo de ensino: Ensino Fundamental – 1º ao 9º ano e Ensino Médio – 1º ao 3º ano. Sua escrita foi realizada em quatro momentos: I parte – bases legais, II parte – linguagens, códigos e suas tecnologias, III parte – ciências da natureza, matemática e suas tecnologias e IV parte – ciências humanas e suas tecnologias (BRASIL, 1997).

A partir da determinação dessas partes, foram descritos os seguintes documentos: documento introdutório, temas transversais (Saúde, Meio Ambiente, Ética, Pluralidade Cultural, Orientação Sexual, e Trabalho e Consumo) e documentos que abordam o tratamento a ser oferecido em cada um dos diferentes componentes curriculares (BRASIL, 1997).

Sobre a finalidade dos PCNs, o próprio documento cita que:

o propósito do Ministério da Educação e do Desporto, ao consolidar os Parâmetros, é apontar metas de qualidade que ajudem o aluno a enfrentar o mundo atual como cidadão participativo, reflexivo e autônomo, conhecedor de seus direitos e deveres. (BRASIL, 1997, p. 5).

Arroyo (2001) menciona que a partir do novo regime, com novas forças para mudanças políticas e educacionais, professores e o sistema educacional apostaram em formular novas políticas, como a Lei de Diretrizes e Bases Nacionais e os Parâmetros Curriculares Nacionais. Todos esses documentos possuem a inovação como objetivo na busca de uma reformulação no sistema educacional brasileiro.

Por meio de todas essas leis e parâmetros, a partir da década de 90, o Brasil restaurou o modo de descrever educação, propondo aos professores um novo modelo de ensino. Porém, sabemos que somente leis descritas no papel não são suficientes para uma verdadeira renovação da educação se estas não vierem acompanhadas de novas atitudes no interior das escolas. Fixar princípios calcados apenas na retórica não propicia mudanças concretas. Rufino (2012, p. 29) cita que “demandas sociais discriminatórias historicamente construídas não são superadas

repentinamente, mesmo que haja leis e planos normativos que buscam equacionar – pelo menos em partes – estas diferenças”.

Notamos que não é a partir de novas leis que se faz nova educação. As leis são importantes pontos de partida para uma reestruturação no sistema educacional, mas a transformação só se concretizará quando os profissionais ligados a área se preocuparem com a prática pedagógica e tiverem o apoio de órgãos superiores.

O Ensino Médio representa o último ciclo de ensino da Educação Básica, com duração mínima de 3 anos. A CF, em seu artigo 208, inciso II, aponta que “é dever do Estado garantir a progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade do Ensino Médio” (BRASIL, 1988).

Além de ser obrigatório na CF, o artigo 35 a LDB (BRASIL, 1996) traz apontamentos específicos sobre o Ensino Médio, tendo como finalidades:

- a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
- a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
- o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- a compreensão dos fundamentos científicos-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

Notamos que as perspectivas legais para o Ensino Médio estão intimamente ligadas à preparação para o trabalho e ao desenvolvimento de habilidades para a inserção do indivíduo no ensino superior. Veronese e Vieira (2003, p.121) criticam essa indefinição dos objetivos deste ciclo, que muitas vezes foca somente na preparação para o trabalho e deixa a desejar a formação do ser humano.

A grande crise do ensino médio sempre residiu no fato de sua indefinição: ora deve ser um fim em si mesmo e, desta forma, ser profissionalizante, ora deve ser um meio para atingir realidades subseqüentes, isto é, o ensino médio deve ser instrumento de preparação para o ensino superior.

Azevedo e Peixoto (2011, p. 297) também esclarecem sobre o excesso de preocupação com o ensino superior, gerando consequências nos conhecimentos apresentados no Ensino Médio.

Algumas linhas de pesquisa abordam o tema da qualidade do Ensino Médio regular refêm do Ensino Superior, porque, diferentemente da Educação Profissional Técnica de nível médio, o Ensino Superior não permite concomitância nesta etapa, e, ainda, destaca-se com seus altos índices de concorrência no vestibular e o currículo do Ensino Médio regular voltado às exigências do exame seletivo.

Mais do que propor um ensino voltado para a atuação profissional, temos que propor uma educação voltada para a humanização, para o cidadão, que precisa se preocupar com melhorias na política, na educação, na saúde e também nas outras áreas que compõem nosso cotidiano.

### 3. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO: APONTAMENTOS NECESSÁRIOS

Adentrando ao universo da EF, notamos que, desde sua implantação no Ensino Básico de educação, a disciplina de EF vem passando por diversas transformações, sofrendo influências do universo político, cultural e social de nosso país. No ano de 1851, a disciplina foi inserida nas escolas municipais da corte no Brasil, com o intuito de preparar jovens do sexo masculino para a militância e, mesmo com tal finalidade, haviam pais que não concordavam com tal prática, pois esse conhecimento não preparava seus filhos intelectualmente (BRASIL, 2000).

A EF foi tomando seu posto na área da educação, inicialmente, com a denominação de Ginástica, e foi se consolidando em vários estados brasileiros. Baseada nos métodos europeus, denominado “Movimento Ginástico Europeu”, durante várias décadas a área foi mediada somente na vertente militarista e higienista (BRASIL, 2000).

Sendo conduzida nessa perspectiva, passou a ser uma disciplina voltada especificamente para desenvolver o físico, “a visão típica do militarismo também sofreu influência do pensamento higienista do início do século XX que, dentre outras consequências, apontava para a necessidade de se recorrer ao exercício físico para a manutenção da saúde” (GIMENEZ, 2011, p. 73).

De acordo com Souza Neto (2008), iniciou-se em 1931 uma maior sistematização da área, sendo instituído o primeiro curso de EF no Brasil: a Escola de Educação Física do Estado de São Paulo. A partir do ano de 1937, ao ser descrita como disciplina obrigatória na Constituição Federal, a área de EF adquiriu maior atenção, permanecendo, no entanto, com o mesmo intuito da preparação das crianças e jovens para a carreira militar (BRASIL, 2000).

Durante a maior parte do século XX, enraizada pelo paradigma cartesiano de ensino<sup>1</sup>, a EF permaneceu na perspectiva da preparação corporal para a obtenção do corpo atlético, prestigiando os homens fortes e hábeis nos movimentos corporais.

---

<sup>1</sup> O corpo foi ao longo dos anos da existência humana sendo tratado, estudado e compreendido por diversos significados, de acordo com a demanda histórica de cada época. Uma teoria bastante expressiva e persistente hodiernamente é a proposta pelo médico francês, Descartes (1596-1650). Ele é um forte proclamador do que chamamos de corpo-máquina. Nóbrega (2000) cita e nos reforça como a teoria cartesiana está voltada para o corpo objeto, aplicando-o aos mesmos princípios mecânicos das máquinas.



No início desse século, havia um padrão de beleza que devia ser mantido e a EF era a responsável por moldar esses corpos, considerando que tal disciplina “ao longo do seu processo de evolução e de consolidação, serviu-se do dualismo vigente, manifesto na separação das duas realidades ontológicas: a *res extensa* (o corpo) e a *res cogitans* (alma).” (PEREIRA, 2011, p. 377). Nesse período, e de acordo com o padrão a ser seguido, a EF destinava-se tão somente a *res extensa*, por meio de atividades físicas com fim em si mesmas.

Assim, o nascimento da EF se deu, por um lado, para cumprir a função de colaborar na construção de corpos saudáveis e dóceis, ou melhor, como uma educação estética que permitisse uma adequada adaptação ao processo produtivo ou a uma perspectiva política nacionalista. Por outro lado, no período de seu nascimento, a EF foi também legitimada pelo conhecimento médico-científico do corpo, que referendava as possibilidades, a necessidade e as vantagens de intervenções sobre o corpo (BRACHT, 1999).

A disciplina de EF tinha a missão de manter o corpo sob controle. Para o intelecto aprender, o corpo deveria ir se adaptando às novas exigências do mercado industrial, sendo a produção sua maior utilidade. O corpo ou a dimensão corpórea do homem, nas teorias do conhecimento da modernidade, aparece como um elemento perturbador, que precisa ser controlado pelo estabelecimento de um procedimento rigoroso (BRACHT, 1999).

Como consequência da educação higienista e voltada para o homem varonil, a EF, em meados do século XX, manteve-se de forma tecnicista, ou seja, no ensino de técnicas e gestos motores padronizados, para buscar determinados fins. O modelo de aula era baseado nos parâmetros fornecidos pelos métodos de treinamento. As partes constitutivas de uma aula eram ditadas majoritariamente pela fisiologia, agora já acrescida do item esforço, do que pela pedagogia (SOARES, 1996).

Somente na década de 80 que pesquisadores da área foram para o exterior participar de programas de pós-graduação voltados para estudos no campo pedagógico (BRASIL, 2000). Esses docentes voltaram ao Brasil com novos olhares para o fenômeno esporte, influenciados por diferentes movimentos pedagógicos, como a Iniciação Esportiva (dos franceses), a Psicomotricidade e Educação Psicomotora (Wallon, Le Boulch, Legido, Vitor da Fonseca e outros), o Behaviorismo Pedagógico Americano (Objetivos, Taxionomias, Competências Básicas, Análise de

Ensino etc.), o Movimento Esporte para Todos (da Noruega, Alemanha), do Método Aeróbico (Kenneth Cooper, EUA), a Educação Física de Adultos (American College of Sports Medicine-ACMs), a ênfase em Testes e Medidas, entre outros (TUBINO, 2005). Esse momento de denúncia e crítica da área denominou-se Pensamento Pedagógico Renovador da Educação Física (PPREF) (MUNIZ et al, 1998).

No entanto, é preciso cuidado com a colonização educacional que o PPREF trouxe para a área da EF. Para importar e aplicar um modelo ou abordagem de ensino é imprescindível que seja considerado todo o contexto histórico e cultural do país receptor, para que não se abortem sua historicidade e sua cultura corporal (GIMENEZ,2011; KUNZ, 2012).

A partir de então, a área científica da EF ganhou novas dimensões e teorias. O termo “cultura” começou a ser incorporado pela área, sugerindo a influência das ciências humanas como forma salutar para o campo de conhecimento.

Somente a partir da década de 1980, com o incremento do debate acadêmico na educação física, o predomínio biológico passou a ser questionado, realçando a questão sociocultural na educação física. Os profissionais formados até essa época - e, infelizmente, ainda hoje, em alguns cursos - não tiveram acesso à discussão da área e dos seus temas nas dimensões socioculturais (DAOLIO, 2004 p.9).

É importante ressaltar que o termo cultura aqui referido não se aplica à cultura como forma de conhecimento e erudição, mas sim à “perspectiva cultural que faz avançar na educação física a consideração de aspectos simbólicos, estimulando estudos e reflexões sobre a estética, a beleza, a subjetividade, [...] enfim, o significado” (DAOLIO, 2004, p. 13).

Sabemos que toda essa transposição ou ressignificação de um modelo tecnicista para um humanista se deu há pouco mais de trinta anos, sendo, portanto, um processo bastante recente. Os profissionais da área, com as novas pesquisas, enalteceram o ser humano que movimenta em oposição a uma máquina que se move e perceberam que “[...] o esporte nos permite compreender a noção filosófica de inerência entre o ser humano, seu corpo, seus afetos, as relações com o meio ambiente, a cultura, a história.” (NÓBREGA T.; DIAS, 2014, p.61), não podendo desconsiderar o ser humano que faz cultura e faz história ao longo dos anos.

Freire (2009) destaca que devemos ter cuidado para não desmerecer os conhecimentos até então aplicados nas aulas de EF, pois foram essenciais para obtermos avanços e uma reestruturação da área. Segundo ele,

no Brasil, não se tratou de um movimento de negação e destruição do que existia na Educação Física; é preciso dizer que todos os participantes do movimento de reorganização da Educação Física brasileira nos anos 1980 eram filhos da velha Educação Física, muitos deles oriundos do esporte. Portanto, essa “outra Educação Física” é filha da anterior, e não uma sua negação. Porém, os filhos não necessariamente repetem os pais. (p.134).

Esse fenômeno contempla o ser humano, não apenas pelo conceito do esforço físico, mas, sobretudo, pelo sentido vivo que é dado pela referência à natureza da evolução humana, a partir de uma ideia de rendimento, que atinge, objetivamente, a dimensão do rendimento humano social.

Outra vertente pedagógica que seguiu paralelamente à cultura corporal foi a motricidade humana. Esta apresenta seus pressupostos assentes na fenomenologia e toma como referência as reflexões de Maurice Merleau-Ponty (1908/1961). A filosofia pontiana se aproxima à área da EF pelo fato desse filósofo, além de refutar a antropologia cartesiana, abordar, também, o tema corpo. A abordagem deste tema abre horizontes para uma realidade que está presente no dia-a-dia da Educação Física (PEREIRA, 2011).

Quem advoga essa aproximação de pesquisas e filosofias é o professor Manuel Sérgio que, a partir de estudos e reflexões filosóficas acerca do corpo e do movimento, defende a existência da Ciência da Motricidade Humana. Esta ciência se fundamenta em uma antropologia que “promove a passagem do físico tão-só à complexidade humana, considerando o movimento intencional da transcendência, que emerge da essência e da existência da pessoa humana, ser-agente-encarnado inserido no mundo” (PEREIRA, 2011, p. 378).

Assim, como a cultura corporal de movimento, a ciência da motricidade humana integra também a dança, o esporte, a ginástica, os jogos, as lutas, entre outras especialidades. Porém, na motricidade, o ser humano que realiza o movimento é notado em outra perspectiva, não somente como ser cultural e histórico, mas também um ser transcendente. Os profissionais que incorporam essa vertente “debruçam na compreensão e na explicação das condutas motoras, em ordem ao desenvolvimento global do indivíduo e da sociedade e tendo como fundamento simultâneo o físico, o biológico e o antropossociológico” (MOREIRA. W.; NÓBREGA T., 2008, p. 354).

A motricidade é o que dota os movimentos de sentido, distinguindo-os dos movimentos puramente mecânicos, isto é, entendidos na perspectiva de mecânica clássica, por possuírem sentido e significado não correspondendo artificialmente à casualidade linear do estímulo-resposta. A motricidade expressa a unidade entre os aspectos internos e externos do corpo em movimento. (NÓBREGA T, 2000, p. 75.)

Mesmo com várias pesquisas sobre concepções pedagógicas, com vários autores sugerindo conteúdos compatíveis com seus pensamentos teóricos a respeito da interpretação de homem e mundo na área da EF, Moreira, Simões e Muria (2009) e Kunz (2012) ressaltam que ainda estamos enraizados em uma educação voltada para o corpo objeto, para o corpo manipulável, corpo acrítico, educação na qual os professores trabalham o rendimento no sentido do sistema esportivo extraescolar.

A importância da inclusão dos variados conteúdos poucos falados na EFE já foi descrita por diversos autores. Dentre eles, Diniz e Darido (2012, p.116) mostram que “as aulas desta disciplina ainda carregam fortes características esportivistas, deixando os outros elementos como danças, capoeira, lutas, jogos, brincadeiras e ginásticas, que também deveriam ser tratados, excluídos ou minimamente abordados”. Moreira W. e Simões (2006, p.75), atentos aos conteúdos da EFE e ao trato do corpo do aluno, relatam que “a Educação Física Escolar, via episteme da motricidade, não pode desconsiderar o humano no homem ao ensinar [...] jogar, praticar esportes, dançar – tudo isso é muito mais do que treinar o corpo na repetição dos movimentos. ”

Diante desses alertas, nos colocamos a pensar sobre o modo que a EFE é conduzida no “chão das escolas”. Visualizamos muitas vezes uma educação do esporte voltada para a técnica, especialização, fragmentação, na qual o aluno é apenas um reprodutor de movimentos. “O esporte ensinado nas escolas, enquanto cópia irrefletida do esporte de alto rendimento, só pode fomentar vivências de sucesso para uma minoria e o fracasso ou vivência de insucesso para a grande maioria” (KUNZ, p. 35, 2000).

De acordo com Darido (1995), a formação profissional em Educação Física ainda se concentra na formação esportiva que destaca somente o alto rendimento, no qual os professores têm que saber realizar para poder ensinar - aprender a fazer -, ficando em menor escala a preocupação com as estratégias de ensino a serem aplicadas. Os cursos de formação profissional em Educação Física não devem ensinar a seus discentes somente as regras dos esportes, os movimentos das

ginásticas ou da dança, mas também devem ensinar sobre os seres humanos, crianças, jovens, adultos e idosos que se beneficiam com a prática desses conteúdos, para além de estereótipos construídos socialmente (GAIO; DIAS, 2010).

Por esse motivo, é importante ter claro que, o que determina a qualidade do ensino é a maneira como tal processo é conduzido, ou seja, o processo de ensino será tanto melhor quanto mais adequado for o olhar do professor perante o aluno e o esporte, agregando novas experiências e vivências esportivas. Nessa perspectiva de um novo olhar sobre o fenômeno esportivo, Galatti et al (2008) evidencia que ele deve ser tratado tanto em seus aspectos teóricos como práticos, para que o aluno possa compreendê-lo integralmente, abrangendo suas regras, fundamentos, histórico e evolução, conhecendo as diferentes experiências corporais.

Ao chegarem ao Ensino Médio, os alunos, com as experiências acumuladas do Ensino Fundamental, algumas positivas, outras negativas, pensam que já aprenderam tudo sobre os esportes e sobre o ato de motricidade, restringindo suas expectativas sobre os conhecimentos que a EF pode oferecer somente aos esportes tradicionais como basquete, handebol, vôlei e futebol.

Outro fator de desmotivação por parte dos alunos é o fato desse componente curricular, EF, não ser tão exigido nos exames vestibulares e por muitos discentes terem sido marginalizados em aulas de EF no Ensino Fundamental, por não apresentarem gestos perfeitos nas modalidades desenvolvidas (NISTA-PICCOLO; MOREIRA W., 2012). Já Betti e Zuliani (2002, p.86) destacam que “os adolescentes adquirem uma visão mais crítica sobre a disciplina, e já não atribuem à EF tanto crédito. A atividade física, central em suas vidas até 12 ou 13 anos, cede espaço para outros núcleos de interesse (sexualidade, trabalho, vestibular, etc.)”.

Pela LDB 9.394/96, artigo 26, § 3º, “a Educação Física integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar”, sendo facultativa ao aluno:

I – que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas; ([Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003](#))

II – maior de trinta anos de idade; ([Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003](#))

III – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física; ([Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003](#))

IV – amparado pelo [Decreto-Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969; \(Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003\)](#).

V – [\(VETADO\)\(Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003\)](#)

VI – que tenha prole. [\(Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003\)](#). (BRASIL, 1996, seção 1). (BRASIL, 1996, p.40)

Souza Júnior e Darido (2009, p. 10) descrevem sobre a prática facultativa e defendem que tal prática significa “[...] caminhar no sentido contrário à valorização do status que a LDB-96 conferiu à área ao classificá-la como componente curricular da Educação Básica.”. A partir desses incisos, percebemos uma contradição em relação a inclusão educacional, uma vez que, pretendendo alcançar a totalidade, o artigo supracitado permite a exclusão de vários grupos, como, por exemplo, trabalhadores, mulheres com filhos, adultos e deficientes. Assim sendo, esses grupos podem ficar à margem do processo pedagógico corporal.

Notamos que, em várias ocasiões, a disciplina de EF não se faz obrigatória, como, por exemplo, nos períodos noturnos de ensino. A justificativa descrita pela lei respalda-se no argumento de que a maioria dos alunos escolhe o período noturno por exercerem atividades profissionais no diurno, ficando fadigados para realizarem atividades físicas. Tal fato demonstra o descrédito ainda enfrentado pela área de EF.

A EF não apresenta aos alunos somente a prática de exercícios físicos para que saiam da rotina da sala de aula, mais que isso, apresenta conhecimentos que edificam a práxis humana. Para Correia (2011, p. 57), “a Educação Física no Ensino Médio deve oferecer um universo amplo e fecundo de saberes, que inclua conhecimentos relacionados aos diversos domínios da natureza e da cultura, entre esses, conhecimentos relacionados ao movimento do corpo humano”.

Scaglia (2004) indaga que nunca viu discussões científicas sobre a necessidade de estudar as equações de 2º grau, os livros de Machado de Assis, as bactérias ou em qual latitude se encontra a Indonésia, mesmo sabendo que a minoria dos alunos irá utilizar alguns desses conhecimentos no cotidiano. Ao contrário, os esportes estão em grande escala nas mídias e presente na vida do ser humano.

Caminhando nesta empreitada, evidentemente equivocada, de enfrentar preconceitos e reivindicar maior valorização da área, alguns professores, ao lecionarem para o Ensino Médio, acabam deixando a disciplina acontecer de acordo

com a preferência dos alunos e não mediam os conhecimentos cabíveis para esse ciclo de ensino.

Em um estudo feito por Pereira e Silva (2004), foi detectado que 81,4% dos conteúdos que os professores lecionavam no Ensino Médio da rede Estadual do Rio Grande do Sul eram somente esportes tradicionais em nosso país, como futsal, basquete, handebol e voleibol, dentre os quais o futsal recebia maior destaque, evidenciando que a ginástica raramente era desenvolvida durante as aulas e não apresentando nenhum relato sobre a dança.

Como forma de auxílio aos professores, os PCNs referentes à EF podem ser um material de apoio para a reestruturação das aulas pelos docentes. A EF, em detrimento de sua base histórica, descrita anteriormente, elitizou e selecionou os mais aptos à prática de exercícios físicos e esportes, excluindo uma grande parcela de alunos de aprenderem suas reais possibilidades corporais (DARIDO et al, 2001). Atualmente, um dos princípios norteadores articulados pelo PCN é a inclusão, fator que demonstra um esforço em tornar tal disciplina mais abrangente.

No PCN, a EF se encontra na parte II – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, pois ao objetivar uma educação interdisciplinar, a EF é considerada uma prática social que pode proporcionar aos alunos interação, relação e comunicação não verbal por meio de movimentos intencionais (BRASIL, 2000). Nessa segunda parte do PCN, os professores são convidados a mediar um conhecimento que levem os alunos a “compreenderem e usarem os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meio de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão e comunicação.”. (BRASIL, 2000, p. 6).

O PCN (BRASIL, 2000, p.164) referente à EF no Ensino Médio, destaca as principais competências e habilidades a serem desenvolvidas pelos alunos, como:

- compreender o funcionamento do organismo humano, de forma a reconhecer e modificar as atividades corporais, valorizando-as como recursos para a melhoria de suas aptidões físicas;
- desenvolver as noções conceituais de esforço, intensidade e frequência, aplicando-as em suas práticas corporais;
- refletir sobre as informações específicas da cultura corporal, sendo capaz de discerni-la e reinterpretá-las em bases científicas, adotando uma postura autônoma na seleção de atividades e procedimentos para a manutenção ou aquisição da saúde;
- assumir uma postura ativa, na prática das atividades físicas, e consciente da importância delas na vida do cidadão;
- compreender as diferentes manifestações da cultura corporal, reconhecendo e valorizando as diferenças de desempenho, linguagem e expressão;

- participar de atividades em grandes e pequenos grupos, compreendendo as diferenças individuais e procurando colaborar para que o grupo possa atingir os objetivos a que se propôs;
  - reconhecer na convivência e nas práticas pacíficas maneiras eficazes de crescimento coletivo, dialogando, refletindo e adotando uma postura democrática sobre os diferentes pontos de vista propostos em debates;
  - interessar-se pelo surgimento das múltiplas variações da atividade física, enquanto objeto de pesquisa, áreas de grande interesse social e mercado de trabalho promissor;
  - demonstrar autonomia na elaboração de atividades corporais, assim como capacidade para discutir e modificar regras, reunindo elementos de várias manifestações de movimento e estabelecendo uma melhor utilização dos conhecimentos adquiridos sobre a cultura corporal.
- Os espaçamentos das menções integrais aqui estão diferentes das que vem na seção do livro didático, bem como tamanho de letra. Atentar para isto.

O papel principal do PCN para a EF não é engessar atividades e conhecimentos relativos à disciplina. Seu principal intuito é auxiliar os professores na preparação das aulas e propiciar uma base nacional comum. Como foi descrito nas competências e habilidades, os alunos deverão ser apresentados a uma gama de conhecimentos corporais, não com o intuito de adquirir uma habilidade motora específica, mas sim compreender que, por meio de práticas corporais, é possível obter uma melhor qualidade de vida.

O professor, em sua prática pedagógica, pode propiciar elementos que favoreçam a formação desses jovens como agentes transformadores. Ele deve identificar os instrumentos de ação pedagógica a serem usados em suas aulas de Educação Física, estimulando a automotivação dos alunos, tornando-os mais criativos e autônomos (SANTOS; NISTA-PICCOLO, 2011, p. 71).

Assim, para a concretização de uma EFE para o Ensino Médio eficiente e que cumpra seus deveres, o professor deverá permanecer em constante formação, buscando novos meios de mediar o conhecimento e materiais que o auxiliem na preparação de suas aulas.

Outro programa de investimento na educação, específico do Estado de São Paulo, é o “São Paulo faz Escola” (SPFE). O programa, de acordo com a Secretaria da Educação, visa a desenvolver, desde 2007, por meio do caderno do aluno e do professor, competências e habilidade, implantando, para isso, um material pedagógico unificado para os alunos e professores da rede estadual, com o objetivo de enfrentar o baixo rendimento escolar dos alunos (SÃO PAULO, 2016).

Os cadernos, que são organizados por disciplina, ano e bimestre, são distribuídos nas próprias instituições escolares para professores e alunos dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. O material pedagógico foi



desenvolvido por especialistas da educação com a proposta de unificar o ensino oferecido nas mais de cinco mil escolas da rede estadual (SÃO PAULO, 2016).

Os cadernos dos professores, específicos para cada disciplina, são constituídos por “[...] conteúdos, habilidades e competências organizados por série e acompanhados de orientações para a gestão da sala de aula, para a avaliação e a recuperação, bem como sugestões de métodos e estratégias de trabalho nas aulas” (SÃO PAULO, 2016). Para a EF, esse projeto culminou em uma implantação da Proposta Curricular, até então inexistente na área. Por meio dos cadernos, é possível planejar ações com foco definido para cada ano letivo.

Neira (2011) realizou um estudo sobre o Currículo Oficial do Estado de São Paulo e descreve que esse modelo de ensino com os conteúdos prontos pode engessar a prática pedagógica. Para a autora, nesse tipo de currículo “[...] o professor é posicionado como mero transmissor de conhecimentos de pouca tradição, mediante uma abordagem superficial e sem qualquer espaço para a crítica ou para o reconhecimento dos seus saberes” (NEIRA, 2011, p.76).

Convergindo com os estudos de Neira (2011), Catanzaro (2012) pesquisou em uma escola de Ensino Médio o programa SPFE, relacionando-o com outras ações e políticas, abordando sua finalidade, configuração e processo de aplicação. Em seus resultados, a autora relata que o programa é insuficiente para enfrentar os problemas de ensino do Estado e não supri as necessidades verificadas pela comunidade na escola. Apesar de o programa apresentar esse viés de engessamento e acomodação por parte dos professores, ele não deixa de indicar uma proposta inovadora e plausível para a EFE, auxiliando os professores na preparação das aulas e conhecimentos que serão ministrados.

Arroyo (1999) indaga sobre o que seria mais aconselhável para enfrentar essa crise educacional. Aproximarmo-nos das escolas e das redes escolares fomentando propostas individuais ou desenvolver políticas gerais com foco em um currículo comum? O autor aposta na inovação por parte dos próprios professores, afinal, não se pode pensar em teoria profissional somente para os que estão na academia e prática para aqueles inseridos nas escolas. A prática é pensar, e os professores pensam pedagogicamente.

Há, no meio acadêmico, muita riqueza e variedade de teorias pedagógicas não registradas, não explicitadas e não sistematizadas. Uma das preocupações presentes nas experiências inovadoras é que os professores dialoguem, explicitem,

sistematizem, registrem seu pensamento pedagógico, as razões e os valores que inspiram suas práticas. Inovar é descobrir coletivamente a diversidade de pensamentos e valores que inspiram a diversidade de práticas (ARROYO, 1999, p. 154).

Notamos que somente políticas públicas não são suficientes para acabar com os problemas de ensino na educação, é necessária uma abordagem voltada para a ação profissional no interior das escolas, com propostas que enalteçam as características culturais de cada instituição (MOREIRA A.; CANDAU, 2003).

Apesar de a EF ser uma disciplina que ainda não possui um notório acervo pedagógico, temos disponíveis vários meios para aprofundar os conhecimentos na área e desenvolver um plano de ensino que favoreça o crescimento e as demandas de nosso meio escolar. Um desses meios é o livro pedagógico, que segue desde a antiguidade até hodiernamente como um material para estudos e reformulações de conhecimentos.

#### 4. O LIVRO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

No contexto histórico da EF, mediante sua fase de crise de identidade e de reestruturação política e legal, a área obteve um grande crescimento a partir de novas formações pedagógicas e projetos políticos que objetivaram auxiliar o professor na preparação de suas aulas, como os PCNs para EF em nível nacional e o programa SPFE, com o caderno do aluno e do professor, em nível estadual – ambos mencionados anteriormente.

Apesar de vários autores (CATANZARO, 2012; FERNANDES; CORDEIRO, 2012; DARIDO, 2010) criticarem como esses documentos são disponibilizados e a pouca aplicabilidade nas escolas, eles não deixam de ser um material disponível para os professores ampliarem seus conhecimentos. Especificamente na EF, após o declínio da hegemonia do modelo tecnicista e o início de reflexões sobre a pedagogia na EFE, alguns autores se preocuparam em descrever por meio de livros suas teorias e reflexões, surgindo assim várias abordagens do ensino da EF.

O livro é um importante distribuidor de conhecimento, podendo proporcionar que o leitor viaje sem sair de casa: com um livro de história, causar comoção e visão contextualizada; com livro de drama, atingir a sensibilidade; com livro de literatura, agregar o gosto da poesia e do belo; com livros didáticos e pedagógicos, facilitar a aquisição de conhecimento e alterar atitudes. Apesar das classificações, todos dispõem ao ser humano um novo olhar sobre o mundo. Nos meios escolares e acadêmicos em sua maioria, são disponibilizados aos estudantes e profissionais vários desses gêneros (MULATI; UTSUMI, 2005).

De acordo com Rosa e Oddone (2006), o Brasil tem a maior produção editorial da América Latina e é responsável por mais da metade dos livros no continente, demonstrando ser um forte produtor cultural. Sabendo da importância de formar cidadãos que tenham o hábito da leitura e o façam como cultura, são criadas algumas políticas públicas voltadas ao estímulo de tal prática, na tentativa de promover um maior contato da população com livros de todos os gêneros.

Transformar o Brasil em um país de leitores não é tarefa fácil, sobretudo no contexto da sociedade da informação, no qual novos suportes informacionais direcionam as políticas não apenas para as práticas leitoras e para a alfabetização cidadã, mas principalmente para o domínio das novas tecnologias, muitas vezes distantes da formação do cidadão leitor e

apenas instrumentalizadoras de habilidades primárias que têm como objetivo incluir o cidadão nessa sociedade. (ROSA; ODDONE, 2006, p. 185)

O Governo Federal, com o objetivo de promover a cultura, incentivar o hábito da leitura e apoiar a formação continuada entre os escolares e funcionários da rede educacional, criou, em 1998, o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), no qual fornece às escolas de ensino público das redes federal, estadual, municipal e do Distrito Federal, no âmbito da Educação Infantil (creches e pré-escolas), do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA), obras e demais materiais de apoio à práxis da Educação Básica (BRASIL, 2016).

Para o funcionamento do programa, o Governo Federal recebe o apoio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação. As escolhas das obras são feitas com o auxílio de escolas públicas, prefeituras e secretarias estaduais e municipais de educação. Em anos pares, os acervos são enviados às escolas de educação infantil, anos iniciais do Ensino Fundamental e educação de jovens e adultos. Já nos anos ímpares, recebem as obras as escolas dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Basta estar cadastrada no censo escolar para que cada escola pública do país seja beneficiada (BRASIL, 2016).

O ano de 2011 foi o primeiro que o PNBE forneceu obras de referência especificamente para o professor (PNBE do professor), com o objetivo de oferecer apoio pedagógico, teórico e metodológico no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. As obras são distribuídas por disciplinas, atendendo a seis categorias distintas: Educação Infantil, anos iniciais do Ensino Fundamental regular, anos finais do Ensino Fundamental regular, Ensino Médio regular, Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos e Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos (BRASIL, 2016).

O PNBE do professor contou em seu primeiro ano, 2011, com um investimento de 59 milhões de reais. Já em 2013, o governo desembolsou por volta de 104 milhões com livros de apoio pedagógico para o professor. Por abranger todos os ciclos de ensino, alunos e professores, livros literários e pedagógicos, o PNBE se tornou um programa complexo, tanto para seleção como para as compras dos livros, porque envolve quantidade e valores vultuosos (COSSON; PAIVA, 2014).

Para a compra dos livros são abertos editais por ciclo de ensino, dependendo do ano (ímpar ou par). Assim, as editoras, de acordo com a demanda, encaminham

os títulos dos acervos de cada disciplina para uma triagem. “Os critérios que orientam a triagem são, em sua maioria, de cunho técnico e documental, dizendo respeito às condições de participação das editoras e cumprimento de requisitos legais para compras governamentais”. (COSSON; PAIVA, 2014, p.481).

O PNBE fornece subsídios para uma melhor qualificação dos professores, podendo estes pesquisarem em acervos pedagógicos dentro de sua própria escola, alavancando seus conhecimentos e inovando suas aulas (FERNANDES; CORDEIRO, 2012).

No campo da EF, por englobar várias modalidades e um vasto conteúdo para ser trabalhado no ensino básico, há a necessidade de os docentes da área procurarem meios para adquirir novos conhecimentos e novos métodos pedagógicos para trabalharem conteúdos além dos esportes tradicionais. O livro pedagógico pode ser um recurso favorável na elaboração e planejamento das aulas dos professores.

Como a EF no Ensino Médio deve apresentar propostas com características próprias e inovadoras, considerando a nova fase de vida atingida pelos adolescentes (BETTI; ZULIANI, 2002), o livro pedagógico pode auxiliar os professores em uma reformulação dos conhecimentos destinados a este ciclo de ensino.

Iniciando as reflexões sobre a EFE a partir da década de 80, o professor Go Tani et al (1988) nos apresenta o livro “Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista”, que tem como meta auxiliar os professores de EF nos aspectos didáticos-pedagógicos, especialmente para os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Tani et al (1988) descreve que o ensino da EF deve acompanhar o desenvolvimento motor da criança e do adolescente, tendo como base os conhecimentos acadêmico-científicos para a preparação das aulas. O professor, ao abordar determinado conhecimento, deve compreender o desenvolvimento da criança, para que o movimento seja corrigido de acordo com sua capacidade motora (TANI et al 1988).

Publicado em um momento de crise de identidade da EF, o livro apresenta a proposta de colocar o movimento humano como centro de preocupações da área. Tani et al (1988) alerta que é por meio do movimento que o ser humano interage com o físico, o social e o cultural. O movimento na visão dos autores é linguagem e expressão de criatividade dos sentimentos.

Em um artigo mais recente do mesmo autor, Tani (2008) apresenta uma revisão sobre a Abordagem Desenvolvimentista, relatando que sua alta disseminação na época pode ter se dado pela escassez de pesquisas e teorização da área no cenário pós-hegemonia tecnicista e pela aproximação da abordagem com os problemas enfrentados na prática pedagógica nas escolas em um momento de desconhecimento da verdadeira função da disciplina nos currículos escolares.

Um ano após a publicação do livro de Go Tani et al (1988), outro professor e pesquisador nos apresentou uma nova visão sobre a compreensão e o ensino da EF, denominado “Educação de corpo inteiro”, escrito por João Batista Freire. Como seu subtítulo descreve – teoria e prática da Educação Física –, o livro demonstra aspectos teóricos e práticos para a EF no intuito de auxiliar os professores a compreenderem o humano como um ser integral.

Freire (2009a), que em 2009 publicou a sexta edição do livro, demonstra em seu livro que, no início de cada ano letivo, o corpo da criança também deve ser matriculado na escola, como componente que habita o mesmo organismo da mente. O autor critica a compreensão de que a mente é utilizada para aprender e o corpo para transportar. Para o autor, o ser humano deve ser compreendido em sua totalidade, e não por fragmentos.

O referencial teórico encontrado na obra de Freire (2009a) tem como base os estudos de Piaget e, portanto, descreve a abordagem da EF denominada “construtivista”. Para o autor, a motricidade humana deve ser incentivada desde a infância, utilizando jogos e brincadeiras para incentivar a aprendizagem. O trabalho deve ser feito em um ambiente lúdico e prazeroso, respeitando as limitações de cada um.

O livro critica o ambiente escolar ao qual as crianças são submetidas; a criança é feita de mobilidade e, na escola, são obrigadas a aprender na quietude. “[...] o interessante é que nós, professores, não suportamos a mobilidade da criança, mas queremos que ela suporte nossa imobilidade.” (FREIRE, 2009a, p. 9). Desse modo, os professores e todo sistema escolar é que deve se enquadrar aos aspectos motricionais das crianças, procurando mediar os conhecimentos de uma forma que elas compreendam, ou seja, por meio de jogos e brincadeiras.

No capítulo 6, denominado Motricidade, Freire (2009a, p.126) relata que “o que está faltando, numa concepção de EF que privilegie, acima de tudo, o humano, é ver além do percebido: é enxergar o movimento carregado de intenções, de

sentimentos, de inteligência, de erotismo”. Em todo o livro o autor defende o humanismo, discursando que só é necessário desenvolver habilidades (correr, saltar, girar, etc.) se estas forem relacionadas do sujeito para o mundo, com ações conscientes e testemunha do mundo em que vive.

Apesar de ser um livro destinado para a EF em geral, o autor descreve sobre a primeira infância e a segunda infância, trilhando desde aspectos legais e pedagógicos para essas faixas etárias até a indicação de atividades que podem ser reproduzidas no contexto escolar.

Um pouco mais adiante, em 1992, outro livro que representa a transição do modelo técnico para o pedagógico e cultural da EF, “Metodologia do Ensino da Educação Física”, é publicado. Mais conhecido como Coletivo de Autores, por ser escrito por seis autores da área da EF, o livro apresenta um conjunto de pensamentos e teorias sobre o movimento humano. Em sua introdução, os autores relatam que em um momento de não muitas possibilidades para os professores de EF, porém de muitas discussões e estudos, a área necessitava de um material que orientasse não somente com atividades e jogos, mas com apoio ao desenvolvimento crítico e reflexivo para a EFE.

Este livro expõe e discute questões teórico-metodológicas da Educação Física, tomando-a como matéria escolar que trata, pedagogicamente, temas da cultura corporal, ou seja, os jogos, a ginástica, as lutas, as acrobacias, a mímica, o esporte e outros. Este é o conhecimento que constitui o conteúdo da Educação Física. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 10)

Como descrito, a obra defende uma cultura corporal de movimento proposta para a EF em uma perspectiva crítico-superadora, ou seja, os autores defendem que os movimentos humanos (saltar, arremessar, correr, chutar) foram construídos em determinadas épocas históricas, com base nas necessidades humanas, em busca de superar seus próprios limites. No Coletivo de Autores (1992), os professores, além de trabalharem os elementos técnicos e táticos, devem evidenciar o sentido e o significado dos valores e das normas que regulamentam o nosso contexto sócio-histórico, na tentativa de buscar uma transformação que supere as desigualdades existentes em nossa sociedade.

Por apresentar uma nova proposta e estruturar o livro em vários capítulos, discutindo entre eles o currículo na EFE, a metodologia do ensino da EF os conteúdos e formas e a avaliação na EFE, o livro se tornou uma referência

importante para a área e, mesmo sendo publicado no século passado, várias instituições de ensino superior ainda utilizam-no como fonte de pesquisa para o trabalho na EFE. Como Souza Júnior et al (2011, p. 408) ressalta:

Pensamos que o grande mérito da obra em apreço e do posicionamento de seus autores, no decorrer da história da Educação Física mais recente, é a elucidação da dialeticidade da dimensão cultural do corpo e do corpo na cultura e mais, particularmente, no reconhecimento da atividade humana que produz tal dimensão e, ao mesmo tempo em que produz a si mesmo, é produzido por ela.

Em 1994, Elenor Kunz publica a primeira edição do livro “Transformações Didático-Pedagógica Do Esporte”. Com uma visão histórica-social da EF, o autor levanta questionamentos sobre a padronização e a normatização do ensino do esporte que havia se tornado um serviço da industrialização (KUNZ, 2000).

O livro possui o objetivo de “anunciar e estimular mudanças reais e concretas, tanto na concepção de ensino, de conteúdo e método, como nas suas condições de possibilidade na prática pedagógica” (KUNZ, 2000. p. 6).

Contrapondo a perspectiva crítico-superadora, o autor escreve sobre a emancipação dos alunos em detrimento dos conhecimentos que serão adquiridos. Para Kunz, os alunos devem desenvolver a razão crítica e todo o seu agir social, cultural e esportivo, pela educação escolar (KUNZ, 2000).

O livro supõe que a visão “cultura corporal” proposta pelo Coletivo de Autores possibilita a fragmentação corporal e que, mesmo estando na escola progressista da EF, ela ingressa na dicotomia “corpo” e “mente”. Assim, Kunz enaltece uma perspectiva crítico-emancipatória, propondo o movimento consciente, e argumenta que “uma teoria pedagógica no sentido crítico-emancipatório precisa, na prática, estar acompanhada de uma didática comunicativa, pois ela deverá fundamentar a função do esclarecimento e da prevalência racional de todo agir educacional” (KUNZ, 2000, p.31).

Notamos que após a fase de reflexão e novas perspectivas no cenário da EF brasileira, vários professores-pesquisadores (TANI, 1988; COLETIVO DE AUTORES, 1992; KUNZ, 2000; FREIRE, 2009) manifestaram suas abordagens por meio de livros e artigos, em busca de atingir o maior número possível de profissionais da área, cada um com sua visão e perspectivas sobre a EFE (quadro 1).



QUADRO 1 – Análise comparativa das obras publicadas sobre EFE.

ITENS	GO TANI	JOÃO BATISTA FREIRE	COLETIVO DE AUTORES	ELENOR KUNZ
OBRA	EFE: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista	Educação de corpo inteiro	Metodologia da EF	Transformação didático-pedagógica da EF.
ANO	1988	1989	1992	1994
CONCEPÇÃO DA EF	Desenvolvimentista	Construtivista	Crítico-superadora	Crítico-emancipatória
TEORIA DE BASE	Aprendizado de acordo com o desenvolvimento de cada indivíduo	O lúdico como instrumento de conhecimento corporal	O materialismo histórico e dialético. Cultura corporal de movimento	Sociologia comunicativa, o se-movimentar para uma emancipação dos educandos
ESPECÍFICOS PARA EM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO

Fonte: do autor, 2016.

Na passagem para o século XXI, as pesquisas e publicações continuaram a acontecer, compreendendo um maior número de pesquisadores interessados pelos problemas e lacunas na EFE. Alguns deles são: Para Ensinar Educação Física: possibilidades de intervenção na escola, de Suraya Cristina Darido e Osmar Moreira de Souza Junior (2007); Educação Física Escolar: desafios e propostas 1, organizado por Evando Carlos Moreira (2009); Educação Física Escolar: múltiplos caminhos, organizado por Hani Award (2010); Educação Física Escolar: desafios e propostas 2, organizado por Evandro Carlos Moreira e Raquel Stoilov Pereira (2011).

Esses autores se preocuparam em abordar aspectos teóricos e práticos da EFE, no intuito de se aproximarem ao máximo dos problemas das escolas e do ensino de EF. No entanto, eles se propuseram a escrever sobre a EF englobando todos os ciclos de ensino, não delimitando estudos para cada um deles, o que, de certo modo, não auxilia um professor que queira aprofundar conhecimentos em um determinado ano escolar.

Como nosso estudo se concentra na EF no Ensino Médio, pesquisamos mais detalhadamente livros que descrevem sobre esse ciclo de ensino e encontramos

alguns estudos que podem auxiliar os professores que lecionam no Ensino Médio, como veremos a seguir.

#### 4.1. PROPOSTAS PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO

O livro “Educação Física escolar – do berçário ao ensino médio”, organizado por Gallardo (2003), nos faz caminhar pela EFE desde seus conhecimentos para o ensino infantil até o final do ensino básico, descrito como Ensino Médio.

Focando nas páginas destinadas ao Ensino Médio, notamos que os autores do capítulo se preocupam em defender que corpo encontra-se presente no ambiente de estudos. O aluno do Ensino Médio, já adolescente, encontra-se em um momento de mudanças corporais, de estado emocional e de busca da identidade pessoal (GALLARDO, et al 2003).

Em um primeiro tópico do capítulo, são demonstradas sugestões para o primeiro ano do Ensino Médio. Para os autores, nesse momento, a EF deve vivenciar com os alunos aspectos relacionados à condição física geral e específica, para que eles possam utilizar de forma autônoma esses conhecimentos, melhorando a própria condição de saúde (GALLARDO, et al 2003).

De forma pedagógica e específica para a EF escolar, é necessário apresentar aos alunos os princípios biológicos para um programa de treinamento físico, podendo o professor separar a sala por grupos, de modo que cada grupo desenvolva um princípio e depois apresente ao restante da turma seus resultados sobre o princípio atribuído (GALLARDO, et al 2003).

Os princípios que devem ser trabalhados são: especificidade; esforço; sobrecarga; alternância das cargas; continuidade; regularidade; progressão; recuperação; periodização; individualização; reversibilidade e totalidade. Após os alunos compreenderem o que é e onde se aplica cada um desses princípios, eles devem ser capazes de elaborar seu próprio programa de treinamento, minimizando suas desmotivações para a prática esportiva (GALLARDO, et al 2003).

Os autores citam que os alunos devem conhecer como acontece o gasto e o consumo calórico, procurando também obter orientações sobre nutrição, relacionando-os com os princípios do treinamento, pelo qual o aluno será capaz de identificar que cada pessoa é única e deve ter seu próprio treino e costumes alimentares.

Uma proposta para trabalhar tais questões é realizar atividades interdisciplinares, convidando os professores de biologia, por exemplo, para juntos trabalharem aspectos relacionados ao corpo humano e a hábitos alimentares. No livro, Gallardo et al (2003) apresenta possíveis dúvidas presentes na área da atividade física, que podem ser trabalhadas no primeiro ano do Ensino Médio sobre a perspectiva dos mitos e verdades nas atividades físicas.

Já para o segundo ano do Ensino Médio, o autor propõe tratar conhecimentos sobre liderança comunitária escolar, levando o aluno a aprender a identificar quais atividades esportivas-recreativas são de maior interesse dos alunos da escola e, a partir desses dados, criar mini eventos com um programa para todos os presentes na escola – diretor, professores, alunos e funcionários (GALLARDO et al 2003). O professor deve passar conhecimentos sobre o conceito de liderança e organização grupal, tratando de forma específica estes conceitos para a área da EF (GALLARDO et al 2003).

Findando com o terceiro ano do Ensino Médio, para os autores, o aluno deve aplicar com a comunidade em que vive os conceitos aprendidos no primeiro e segundo anos do Ensino Médio, utilizando o princípio de Ação-Reflexão-Ação. Sempre com a supervisão do professor, os alunos devem identificar os interesses de toda a comunidade para realizar, organizar e gerenciar atividades relacionadas com atividades físicas, promovendo uma sociedade mais ativa.

Para Gallardo et al (2003), é papel da escola proporcionar aos seus alunos condições para que reflitam sobre suas ações, formando indivíduos críticos e autônomos, que saibam conviver em sociedade, respeitando a si mesmos e aos outros, não tendo a preocupação em prepará-los para o futuro, mas sim proporcionar que eles cresçam integrados a sua comunidade.

Moreira, Simões e Martins (2010) também se dedicaram aos estudos da EF no Ensino Médio e publicaram o livro “Aulas de Educação Física no Ensino Médio”, resultado de um trabalho de dois anos junto a professores desse grau de escolarização, num projeto financiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Os autores narram que a escolha desse nível de ensino se deu pela precária quantidade de pesquisas voltadas para a EF no Ensino Médio, propiciando a possibilidade de professores despreparados para lecionar esse componente curricular no determinado ciclo. A partir do sucesso de projetos voltados para a EF

no Ensino Médio, e acreditando terem resultados importantes para a ressignificação da Educação Física, os autores decidiram não se limitarem em expor seus resultados apenas por meio de artigos científicos, mas ampliaram suas elucidações por meio do livro, que contou com a ajuda de professores do Ensino Médio, presentes nos projetos da EFE.

Moreira, Simões e Martins (2010) relataram a educação no Ensino Médio, trazendo aspectos legislativos quanto a sua proposta para os jovens, demonstrando sua utilidade em proporcionar desenvolvimento crítico e autônomo para os estudantes, bem como formação educacional completa e de qualidade.

Os autores abordam que esse nível de ensino está passando por um momento de mudanças. De acordo com os termos históricos no Brasil e com os resquícios desse período ainda no século XXI, o Ensino Médio foi/é desenvolvido com foco na preparação dos jovens para o mercado de trabalho, ou seja, com objetivo altamente profissionalizante, deixando a mercê seus aspectos sociais e culturais, priorizando somente disciplinas técnicas, formando seres acríticos e sem criatividade, pois não foram estimulados para tal.

Por sinal, apenas como um adendo ao tema proposto, no momento da defesa dessa dissertação (2016/2017) o governo federal propõe uma medida provisória que restringe o quadro curricular do Ensino Médio no Brasil a três disciplinas: Português, Matemática e Inglês. Vê-se que a preocupação levantada pelos autores em questão não eram sem propósito. Pode-se dizer, inclusive, que o modelo governamental brasileiro na atualidade levou a importância da vertente técnica do Ensino Médio, bem como o desprezo pelo cabedal de conhecimentos relacionados às humanidades a um ponto extremo.

Voltando a análise da obra de referência, a EF como disciplina obrigatória neste nível de ensino deve demonstrar seus benefícios aos jovens que, na faixa etária de 15 a 17 anos, encontram-se em fase de grandes transformações, tanto sociais como corporais. Os PCNs da EF no Ensino Médio sugerem novas propostas da disciplina para este nível de ensino, sugerindo uma renovação nas formas de motricidade humana, e não somente a repetição dos esportes mediados no Ensino Fundamental. Assim, o livro proposto por Moreira, Simões e Martins (2010) possui essa incumbência, a de propor uma Educação Física que valorize o esporte e a corporeidade no Ensino Médio.

Relembrando que o processo civilizatório foi ao longo do tempo desconsiderando o corpo como sujeito global de comunicação, denominado – descorporalização -, os autores identificam que na escola o corpo aluno também está sofrendo com o passar dos anos, “daí a necessidade de a educação física escolar, no desenvolvimento de seus conteúdos, enfatizar a ressignificação do corpo e da prática esportiva. E isso é possível” (MOREIRA; SIMÕES; MARTINS, p. 22, 2010).

A EFE, como disciplina obrigatória no ensino básico e estudante da motricidade humana, tem a responsabilidade de colocar a corporeidade associada ao esporte como princípio norteador para elaboração das aulas. O professor, identificando corpos sensíveis que possuem capacidade de se expressarem unicamente, de sentir prazer, ou dor, de agir pela emoção ou vezes pela razão, pode, por meio do esporte escolar, atuar de modo a compreender toda essa totalidade humana, enxergando seres que estão a todo o momento em transcendência, em busca de superação. Os autores reintegram que é possível obter uma ressignificação do corpo por meio da prática esportiva, especialmente no Ensino Médio, basta os professores identificarem em cada aluno não apenas um corpo objeto mecanizado, mas sim, um corpo sujeito de sua própria ação.

Moreira, Simões e Martins (2010) argumentam sobre a importância dos professores utilizarem o esporte escolar para a educação cidadã e não como meio de formação de esportistas para o alto rendimento. A exacerbação da técnica também é uma das problemáticas que os autores abordam, ressaltando que a questão não é a utilização da técnica com os alunos, mas sim o valor que os profissionais da EF dão a ela no interior da escola, indo ao encontro também aos escritos de Freire (2005, p.128):

Não sou contrário à especialização, mas aos seus exageros. É claro que seria impossível, para compreender o ato motor, ser tão competente em anatomia quanto em Educação Física, Ecologia, Sociologia e assim por diante. Qualquer que seja a especialidade, no entanto, a análise não pode perder de vista o ambiente em que vive o homem.

O esporte, com toda sua complexidade, regras, desafios, autonomia, liberdade, pode contribuir efetivamente no contexto social, educacional, interativo e ético de seus praticantes. Quando inserido na escola e mediado por um professor, esse profissional deve buscar sua ressignificação, principalmente nos anos do Ensino Médio, quando os alunos estão em fase de autonomia e criticidade. Os

autores especificam que, ao citarem “esporte”, referem-se a qualquer prática de atividade física ou exercício físico com intencionalidade, regularidade e controle. Cabe ao professor demonstrar os valores do esporte e propor métodos para que os alunos descubram o fenômeno esportivo como algo útil para suas vidas, mesmo depois da Educação Básica.

Considerando a EF uma disciplina que possui sólidos conhecimentos para a educação, dialogar sobre os temas geradores da educação, é de suma importância para a área. O diálogo do docente com os discentes apresenta um primeiro passo para a realização desse diálogo, pois os professores precisam conhecer a realidade em que vivem seus alunos, para assim poderem planejar estratégias e conteúdos propícios para a construção de novos conhecimentos, que ajudarão os alunos no dia-a-dia, com reflexões críticas e desenvolvimento de autonomia dos educandos.

Como forma de auxiliar e propor dicas para os leitores, os autores sugeriram atividades sobre alguns conhecimentos para a EF no Ensino Médio. As atividades foram apresentadas na seguinte ordem: voleibol, futsal, basquetebol, futebol de campo, handebol, skate, atletismo, lutas, danças e condicionamento físico. A escolha das modalidades se deu a partir de pesquisas feitas com os discentes do Ensino Médio.

Moreira, Simões e Martins (2010) apontam que procuraram demonstrar, por meio dos projetos realizados e com a elaboração do livro, como veem a função da Educação Física e do esporte como disciplina curricular no Ensino Médio. Os autores defendem a necessidade de permear nesse âmbito os conceitos de corporeidade e esporte, por meio dos quais os professores terão condições de mediar o conhecimento de corpos sujeitos, que estão em busca de superação, autonomia, criticidade, sem deixar de lado a competição e a técnica.

O livro “Educação Física no Ensino Médio – questões impertinentes”, de Walter Roberto Correia (2011), faz uma abordagem voltada para a caracterização atual da EF, desenvolvida nesse grau de escolarização no país, destacando seus principais objetivos, ideais e as transformações necessárias.

Pautando-se em estudos e pesquisas na área da educação, Correia (2011) chama a atenção do leitor para a necessidade de haver uma maior preocupação com a disciplina de Educação Física nos anos finais da Educação Básica, pois mesmo estando legalizada em documentos oficiais, a cada ano sua desvalorização

aumenta, deixando a desejar o ensino dessa área de conhecimento para os jovens e adultos.

Defendendo a relação entre EF, cultura e sociedade, e criticando o modelo tecnicista de ensino, o autor salienta a necessidade de uma reflexão e determinação dos saberes que precisam ser mediados nesse componente curricular para a etapa do Ensino Médio. A escola, como local de promoção humana e de descoberta de novos conhecimentos e valores, não pode deixar de mediar algumas questões, como a formação ética, o desenvolvimento da autonomia intelectual, do pensamento crítico e da preparação/orientação para a integração no mundo do trabalho.

A necessidade de levar o aluno ao desenvolvimento de um pensamento crítico e autônomo em relação às questões provenientes de uma cultura corporal e de movimento deve ser resultante de uma concepção de educação que considere os sujeitos envolvidos nessa prática social denominada educação escolar como sujeitos ativos no processo educativo (CORREIA, 2011, p. 112)

Partindo do princípio do ser humano que sente e expressa, que é dotado de valores e experiências, o autor ressalta a importância da mobilização participativa de todos os alunos e não somente dos mais habilidosos, fato que ocorre na maioria das aulas, nas quais os professores são inspirados pelo modelo tecnicista de ensino, explicitando uma posição do professor como um técnico esportivo e não um educador da cultura corporal do movimento.

Quanto aos conhecimentos que devem ser mediados nessa fase de ensino, Correia (2011) considera relevante a análise criteriosa dos documentos oficiais da educação, como a Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e os Parâmetros Curriculares Nacionais, que descrevem os conteúdos importantes a serem abordados em cada ano do ensino básico.

Segundo o autor, com base na concepção crítico-emancipatória proposta por Kunz (2000), a condução do esporte na escola e, principalmente, no Ensino Médio, deve abordar o tema esporte em uma vertente crítica, juntamente às características do esporte espetáculo, seus princípios e seu potencial de comercialização. Resgatar o sentido do movimentar-se é o objetivo de Kunz (2000). Segundo Correia, a EF no Ensino Médio deve propor “um movimentar-se como construção histórica e social onde o sentir, pensar e agir são indissociáveis” (CORREIA, 2011, p. 135).

A inovação da prática pedagógica é imprescindível na EF do Ensino Médio, principalmente para mudar o quadro marcado da prática mecânica e tecnicista. O estudar deve estar em primeiro lugar, assim como nas demais disciplinas, “estudar

como ato e processo de ler, escrever, calcular, interpretar, pesquisar, entrevistar, desenhar, registrar, fotografar, documentar, visitar, dialogar e (...) movimentar-se” (CORREIA, 2011, p. 159).

O autor propõe em seu livro a necessidade da integração professor-aluno, devendo o professor respeitar os interesses dos alunos quanto às manifestações da cultura do movimento, desde que estejam enquadradas para o nível de ensino, e os alunos devem respeitar os procedimentos e estratégias escolhidas pelo professor, tendo em vista o aprofundamento dos conhecimentos. A partir de suas explanações, o autor considera que, se as aulas forem planejadas e tiverem um elo entre o professor e o aluno, será possível formar cidadãos críticos diante da cultura corporal, permitindo que ele possa, posteriormente, decidir sobre o que é melhor para si e para os outros, ao se tratar da cultura corporal de movimento.

Outro livro que se encontra disponível para os professores de EF é o “Esporte para a vida no Ensino Médio”, de Vilma Lení Nista-Piccolo e Wagner Wey Moreira (2012), que se dedica a auxiliar o professor de Educação Física na preparação de suas aulas.

Nista-Piccolo e Moreira (2012) descrevem que, diferente das demais disciplinas, vários estudos demonstram a incoerência do processo pedagógico na disciplina de EF, pois, na escola, a didática apresenta-se com o ensino do menos complexo para o mais complexo, portanto, há uma sequência pedagógica a ser seguida, no sentido de tornar a aprendizagem consciente.

O que as pesquisas na área nos remetem é que a EF se restringia ao fazer, ao praticar determinado movimento sem se importar com suas razões. O fazer é padronizado, basta que os alunos copiem os movimentos. Por meio de pesquisas realizadas junto aos alunos, os discentes declararam também que parecia que os professores repetiam as aulas, independente do ano ou turma que ela estava sendo mediada, com os mesmos propósitos e objetivos.

Com a descrença e falta de motivação para o estudo da EF, ao chegarem ao Ensino Médio, os alunos não se veem necessitados da disciplina, pois nessa fase começam as preocupações com o sucesso profissional e o êxito nos vestibulares, e não encontram, a partir de suas experiências, argumentos para realização da disciplina. Os autores declaram que, no Ensino Médio, a EF vem sofrendo grandes tribulações, por diversos fatores, tais como: o descompromisso dos alunos, a diminuição do tempo dedicado por eles aos estudos, por conta do trabalho, a



repetição de conhecimentos durante as aulas, a infraestrutura inadequada, entre outros.

Desse modo, Nista-Piccolo e Moreira (2012) propõem um novo olhar para essa disciplina no Ensino Médio, tendo o professor o grande desafio de mediar os conhecimentos adequados para a situação. Para isso, os autores dispõem de reflexões e dicas de atividades para esse ciclo de ensino, lembrando que cada professor deve saber adaptar as propostas metodológicas e atividades para sua realidade de ensino. Reforçam também a necessidade de os professores enquadrarem o programa e os conteúdos a serem ministrados, à cultura e à realidade em que seus alunos estão inseridos. Não adianta quereremos sair da graduação e buscarmos em livros “receitas de bolos” e aplicá-las em nossas escolas, é necessário um planejamento, com objetivos e metas de acordo com as características de sua escola e alunos.

A partir da identificação dos problemas, Nista-Piccolo e Moreira (2012) não sugerem a mudança de conhecimentos a serem ministrados, mas propõem um novo direcionamento da disciplina, alavancando o fenômeno esporte nos pressupostos da corporeidade, reconhecendo, assim, seus princípios éticos e valores educacionais, que devem estar presentes na EFE.

Preocupar-se com a corporeidade discente remete a ação do professor de Educação Física no Ensino Médio para além de ensinar conteúdos de forma fragmentada, como dar saque, dar manchete, dar toque. Temos que considerar o ser como um todo, dotado de pressupostos inteligíveis, sensíveis, motores, pois, não fazendo isso desconhecemos a corporeidade discente. (NISTA-PICCOLO; MOREIRA, p. 40, 2012).

Os autores defendem um direito ao esporte, como prática libertadora, educativa, saudável, na busca de um corpo possível e não um corpo perfeito, devendo este ser introduzido em todos os níveis escolares, desde o Infantil até o Ensino Médio. Pelo esporte, os professores devem estimular o senso crítico, criativo e cultural dos alunos, demonstrando por meio dos mais diversos atos de motricidade humana aspectos educativos, fisiológicos e lúdicos, tornando-os adultos ativos com sua corporeidade.

Essa disciplina curricular, possuindo o esporte como conhecimento a ser ministrado, deve reconhecer seus alunos como corpos sujeitos, unificados, que estão em busca de uma superação, de uma qualidade ética e estética. Corpo templo, corpo responsável por cada pensamento, cada atitude. Os alunos chegam ao Ensino Médio já acostumados ao trato do corpo como objeto, como máquina e,

sem perceberem, acabam acostumando-se a regras e padrões já definidos. Mas, ao se depararem com profissionais abertos à ressignificação e dispostos a mediar uma nova EF, com um novo olhar para o esporte, um esporte feito para a socialização, para a compreensão do próprio corpo e do outro, os alunos, mesmo já estando na adolescência, irão se renovar e redescobrir os valores presentes nas aulas de Educação Física e em novas vivências corporais.

Os autores apontam ainda que, para acertar um currículo e suas estratégias na EF, é necessária a integração dos professores com os discentes, a partir dos históricos dos alunos e de suas conhecidas manifestações esportivas. Salientam, então, a necessidade da preparação de uma proposta geral para cada ano do Ensino Médio, a qual deve ser moldada à realidade da turma e programada com a participação discente. Além da realidade dos discentes, o currículo de EF deve acrescentar, inclusive, novas propostas, ainda não vivenciadas pelos alunos, considerando que “é papel do professor de Educação Física identificar o que os alunos não sabem sobre o mundo dos esportes, pois, assim, poderá criar novas oportunidades de aprendizagem de todas as dimensões que o esporte apresenta” (NISTA-PICOLLO; MOREIRA, 2012, p. 64).

Por meio do livro, os autores também sugerem atividades para serem trabalhadas no Ensino Médio, alocando-as em quatro subitens: dança, lutas, modalidades esportivas e ginástica. Em todas as descrições, os autores indicam os objetivos, detalhes conceituais e factuais, procedimentais, atitudinais e método de ensino, propiciando aos estudiosos da área acervo teórico e prático para complementar os conhecimentos na EF.

Discorridas as publicações aqui listadas, cujas quais representam parte das produções por nós encontradas, podemos notar que, embora ainda sejam escassos os estudos sobre a EF no Ensino Médio, alguns autores se preocupam em produzir materiais de estudos indicados aos professores deste ciclo.

Já destinando nosso pensar para os cursos de Licenciatura em Educação Física, os quais mediam e produzem conhecimento para a escola, fica claro que não podemos nos acomodar apenas com os conteúdos aprendidos durante a graduação, é necessária uma formação continuada para realizarmos um trabalho eficiente e vencermos os desafios que as escolas nos propõem.

## **5. A PESQUISA DE CAMPO: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Para a realização desta pesquisa, foi seguido um roteiro com o objetivo de investigar junto aos professores de Educação Física do Ensino Médio a utilização de livros pedagógicos como material de apoio para a preparação de suas aulas.

### **5.1 TIPO DE ESTUDO**

Caracteriza-se por uma pesquisa descritiva e transversal, realizada de modo qualitativo, por apresentar variáveis nominais e ordinais, que, de acordo com Neves, (1996, p.1) “compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. ”

### **5.2 LOCAL DA PESQUISA**

A pesquisa foi realizada em escolas da rede pública de ensino estadual da cidade de Franca – SP, cadastradas no censo escolar. A cidade possui 57 escolas públicas estaduais, sendo 39 com o Ensino Médio. As escolas foram escolhidas por área geográfica, sendo: três escolas da região norte, três da região sul, três da região central, três da região leste e três da região oeste, totalizando 15 escolas.

A escolha por regiões se deu para que a pesquisa compreendesse todos os pontos da cidade de Franca, tentando, assim, não sofrer influências por áreas mais ou menos favorecidas. Inclui-se também no critério de escolha das escolas o fator de oferecerem em suas dependências o Ensino Médio.

### **5.3 SUJEITOS DA PESQUISA**

Os sujeitos da pesquisa foram professores de Educação Física do Ensino Médio público da cidade de Franca – SP, que estivessem lecionando no devido ano para o Ensino Médio.

A amostra foi composta por 15 professores, sendo um de cada escola pesquisada. O professor foi escolhido de acordo com sua disponibilidade para responder os questionários no presente horário. Todos foram apresentados aos objetivos do estudo, concordaram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO 1).

A pesquisa seguiu os princípios éticos do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM (Parecer no 1705/2011) (ANEXO 2).

#### 5.4 COLETA DOS DADOS

Para a coleta dos dados, foi utilizado um questionário de perfil profissional (apêndice 1) e dois questionários com perguntas específicas da pesquisa (apêndice 2 e 3), previamente estruturados, elaborados a partir dos objetivos do estudo.

De acordo com Parasuraman (1991), o questionário é um conjunto de questões estruturadas, criadas para responder as indagações realizadas no estudo. Segundo Chagas (2000), para a elaboração de um questionário é necessário fazer ligação entre:

- O problema e os objetivos da pesquisa;
- As hipóteses da pesquisa;
- A população a ser pesquisada;
- Os métodos de análises de dados disponíveis.

Como forma de confirmação da efetividade do questionário para as indagações pretendidas, foi realizado um teste piloto com cinco professores de Ensino Médio que não participaram da pesquisa, com os mesmos procedimentos de coleta descritos a seguir.

##### 5.4.1 A pesquisa com os professores

Inicialmente, fomos às escolas escolhidas para conversar com o diretor responsável. Após o consentimento, os questionários foram aplicados ao professor, sendo que só após a entrega da resposta da primeira questão é que era apresentada a segunda. Foi pedido também que os professores respondessem com o maior número de dados possíveis as questões e no tempo que eles considerassem necessário para a explicitação do pensamento.

As informações sobre o perfil profissional (apêndice 1) contém questões relativas ao sexo; idade; tempo de exercício na área; formação profissional.

O primeiro questionário (apêndice 2) contém questões abertas, nas quais os professores foram convidados a responderem sobre o uso de livros na EFE e sobre

a existência de livros específicos sobre a EF no Ensino médio na biblioteca de duas escolas.

Já o segundo questionário (apêndice 3) destina-se a identificar o conhecimento por parte do docente de alguns dos mais conhecidos livros pedagógicos da EF.

#### **5.4.2 A pesquisa na biblioteca das escolas**

Após a pesquisa com os professores, nos dirigimos até as bibliotecas das escolas e, com o auxílio das bibliotecárias, pesquisamos os livros disponíveis para os professores sobre a EFE no Ensino Médio. Foi anotado o nome do livro, autor, ano de publicação e o nome do projeto que o livro foi submetido para a escola. Os dados foram distribuídos em uma planilha do Microsoft Excel 2010, como forma de leitura e acompanhamento.

#### **5.4.3 A pesquisa no *site* do PNBE**

Além da aplicação dos questionários e da pesquisa nas bibliotecas, caracterizando a pesquisa de campo, realizamos uma análise documental sobre os livros adquiridos pelo PNBE específicos para os professores de EF do Ensino Médio, verificando, assim, se os professores possuem realmente um acervo literário para sua formação continuada. A pesquisa foi feita no próprio *site* do Ministério da Educação, que disponibiliza de modo *online* todos os dados e planilhas dos livros comprados para os professores. Os dados também foram distribuídos em uma planilha no Microsoft Excel 2010, como forma de leitura e acompanhamento.

### **5.5 ANÁLISE DOS DADOS**

Para a análise dos dados descritivos de natureza qualitativa, utilizamos a tabela de frequência, que possibilita uma distribuição de frequência, agrupando os dados por classes de ocorrência (REIS; REIS, 2002).

De acordo com Reis e Reis (2002, p. 5), “utilizamos métodos de estatística descritiva para organizar, resumir e descrever os aspectos importantes de um conjunto de características observadas ou comparar tais características entre dois

ou mais conjuntos”. Para a análise, são feitos gráficos, tabelas e também medidas de síntese, como porcentagens, médias e índices.

Os dados do perfil profissional e da análise documental realizada no *site* do MEC e nas bibliotecas das escolas foram transcritos para o Microsoft Excel 2010, proporcionando uma melhor análise e leitura dos dados, para, posteriormente, serem descritos em forma de tabelas.

## 6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para uma melhor leitura e acompanhamento dos dados, separamos os resultados e discussão em subcapítulos, de acordo com cada etapa da pesquisa de campo.

### 6.1 OS LIVROS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ADQUIRIDOS PELO PNBE

Para encontrarmos os dados sobre os livros distribuídos pelo PNBE para os professores da rede pública de ensino, entramos no *site* do Ministério da Educação, nele acessamos o FNDE e adentramos no *link* do PNBE.

Ao explorar o portal do programa, notamos de exórdio uma organização nas informações: Apresentação; Histórico; Funcionamento; Dados estatísticos; Editais; Distribuição; Legislação; Perguntas Frequentes; Contatos; todos esses campos disponíveis para acesso. Porém, os *links* que nos convinha – dados estatísticos e distribuição – não corresponderam as nossas expectativas, pois não apresentaram dados completos e de forma linear.

Nos dados estatísticos do PNBE do professor, em 2011 – ano que iniciou a distribuição para os professores – não encontramos informações específicas para o Ensino Médio e para o Estado de São Paulo, somente dados gerais do PNBE para o professor (tabela 1).

Tabela 1 – Valores estatísticos da distribuição de livros do PNBE do professor em 2011.

Programa	Escolas Beneficiadas	Livros Distribuídos	Investimento Total R\$
PNBE do professor 2011	140.131	6.983.131	R\$ 59.019.172,00

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

Notamos que se 6.983.131 livros de cunho pedagógico foram distribuídos para 140.131 escolas, temos em média 49,83 livros distribuídos para os professores por escola no ano de 2011. Com esses dados, e com o estudo feito por Silva (2014) sobre políticas públicas, concluímos que o PNBE é hoje o maior programa governamental de distribuição de livros nas bibliotecas nacionais, no fomento a

leitura. Silva (2014) relata que não é a distribuição de acervos que muda as práticas dos professores quanto ao uso dos livros nas atividades pedagógicas, mas sim a conscientização por parte dos professores do poder da leitura.

Para 2013, os dados por estado e por segmento de ensino foram encontrados, como podemos ver na tabela 2.

Tabela 2 – Valores estatísticos da distribuição de livros do PNBE do professor no Brasil e no Estado de São Paulo em 2013.

Programa	Segmento de Ensino	Escolas Beneficiadas	Livros Distribuídos	Investimento Total R\$
PNBE do professor no Brasil 2013	Ensino Médio	19.290	1.865.310	R\$ 17.006.450,05
PNBE do professor Estado de São Paulo 2013	Ensino Médio	4.034	389.340	R\$ 2.910.442,23

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

O Brasil possui 27.743 escolas estaduais que possuem Ensino Médio (CENSO ESCOLAR DO BRASIL, 2014). Destas, 19.290 escolas receberam livros para os que os professores ampliem seus conhecimentos (tabela 2).

Das 5.892 escolas Estaduais de São Paulo – incluindo Ensino Fundamental e Médio (CENSO ESCOLAR SP; 2014), 4.034 escolas foram beneficiadas com o PNBE para o professor, com 389.340 livros para o Ensino Médio, distribuídos em todo o estado.

Notamos que mais de 1.800 escolas estaduais não foram favorecidas com o PNBE do professor, demonstrando que, mesmo sendo distribuídos para as escolas cadastradas no censo escolar, uma grande parcela de professores não recebe os materiais que poderiam auxiliá-los no planejamento das aulas.

O professor é o principal articulador dentro da escola, é ele que mantém contato direto com os alunos, podendo desempenhar um papel crucial no incentivo à leitura. Assim, a formação do professor deve incentivar o hábito e o gosto pela leitura, para que estes, por meio do exemplo, transmitam os valores e aprendizados de uma boa leitura para seus alunos. (HADDAD, 2010).



Aos pesquisarmos sobre os livros adquiridos para a Educação Física no Ensino Médio, tivemos dificuldades em encontrar a distribuição realizada para cada disciplina. No *link* – distribuição – o *site* oferece modos de procura por estado e município; dentro dos municípios, encontramos cada escola que foi beneficiada com o programa, porém, os dados expostos são somente de quantos acervos totais – para todas as disciplinas – a escola recebeu.

Encontramos os títulos, editora e autor dos livros adquiridos pelo PNBE do professor para o Brasil nos anos de 2011, 2012 e 2013. Selecionamos as obras de Educação Física para o Ensino Médio (tabela 3). Alguns desses livros selecionados não são específicos para o ciclo de ensino pesquisado, porém demonstram propostas para a Educação Física no Ensino Médio. A busca por estado e por escola foi realizada, mas, infelizmente, o *site* não oferece tais informações.

Tabela 3 – Livros adquiridos pelo PNBE do professor nos anos de 2011 e 2013.

TÍTULO DO LIVRO	EDITORA	AUTOR
Aulas de Educação Física para Ensino Médio	Editora Papyrus	Wagner Moreira; Regina Simões; Ida Martins
Educação como prática corporal	Editora Scipione	João Batista Freire; Alcides Scaglia
Esporte para a vida no Ensino Médio	Telos editora ltda -	Wagner Moreira; Vilma Nista-Piccolo
Jogos educativos: estrutura e organização Da prática	Phorte editora ltda	Adriano Rosseto Junior; Ambleto Ardigó Júnior
Para ensinar educação física: possibilidades de intervenção na escola	Editora Cornacchia	Suraya Darido; Osmar Souza Junior
Pedagogia do esporte: jogos coletivos de invasão	Editora Phorte	Alcides Scaglia
Práticas pedagógicas reflexivas em esporte educacional	Editora Phorte	Fábio Luis Angelo
Trabalhando com jogos cooperativos	Editora Mr cornacchia	Marcos Correia

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

Na tabela 3 podemos notar que dos livros de Educação Física para o Ensino Médio citados em nosso referencial teórico, somente dois foram adquiridos pelo

governo, são eles: *Aulas de Educação Física para Ensino Médio*, escrito por Wagner Moreira, Regina Simões e Ida Martins e *Esporte para a vida no Ensino Médio*, de Wagner Moreira e Vilma Nista-Piccolo. Os outros livros englobam o Ensino Médio, mas não são especificamente para esse ciclo de ensino, como a própria tabela do *site* cita, eles são para os anos finais do ensino básico.

Apesar das poucas (duas) obras encontradas, específicas para a Educação Física no Ensino Médio, oito livros foram adquiridos pelo governo para os professores que lecionam para esse segmento de ensino (tabela 3). Sete livros, dos oito comprados, foram escritos por professores doutores de instituições de ensino superior, somente o *Práticas pedagógicas reflexivas em esporte educacional*, apresenta autor mestre em Educação Física. Esses dados demonstram a forte interação entre a docência e a produção científica, como menciona Freire (1997, p.29) “faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa”.

As universidades são hoje, provavelmente, uma das principais fontes de pesquisa em nosso país, os alunos são convidados a iniciarem na pesquisa logo no primeiro ano do curso, o que estimula a criticidade, a autonomia e o empenho em uma determinada área do conhecimento. “A prática pedagógica deixa de ser pautada na figura do professor-transmissor e do aluno-receptor e passa para um novo paradigma, que requer um professor-orientador e um aluno-pesquisador” (PRADO, 2013, p. 1). Tendo que orientar e exercer a docência, o professor universitário se vê diante de dados científicos importantes para a sociedade, resultando em publicações em formato de artigos e livros.

## 6.2 A PESQUISA COM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Para a pesquisa com os professores de Educação Física da rede estadual de ensino da cidade de Franca – SP, inicialmente fizemos um mapeamento das escolas estaduais que continham Ensino Médio. Após ter em mãos o número de escolas e a localização geográfica de cada uma delas, fizemos as escolhas das escolas por região, conforme supracitado na metodologia.

Tivemos bastante dificuldade em marcar horários com os professores das escolas escolhidas para aplicarmos os questionários, pois antes de encontrarmos com os professores, foi preciso conversar com os diretores das escolas.

Subjugamos que, por nos apresentarmos como pesquisadores de uma instituição de pós-graduação, os diretores ficaram receosos em nos atender e aceitarem participar da pesquisa. Ao explicarmos que a pesquisa seria com os professores de Educação Física do Ensino Médio e também na biblioteca das escolas, os diretores podem ter ficado receosos de apresentar algo considerado imperfeito na colocação e ou na catalogação do acervo na biblioteca com os livros que seriam pesquisados.

Por conta desse “medo”, tivemos que mudar a pesquisa de duas escolas. Em uma da região Sul de Franca, a diretora não consentiu a pesquisa, relatando que não continha nada sobre EF na biblioteca. Explicamos que não seria divulgado publicamente nenhuma identificação da escola e/ou do professor, ela se contrapôs alegando que a pesquisa não tem fundamentos, pois não há nenhuma ligação entre professores de Educação Física e biblioteca escolar. Disse que teríamos que solicitar um memorando por meio do programa de pós-graduação para podermos entrar na escola e questionar o professor e a bibliotecária. Nesse momento, ela já estava conversando com voz alterada, nervosa e com pressa. Para evitar maiores transtornos, retiramo-nos da escola e escolhemos outra instituição na mesma região para a pesquisa.

Em outra escola da região central, tentamos entrar em contato com a diretora cinco vezes; a secretária nos recebia, explicávamos a pesquisa, mas a diretora nunca estava disponível para nos atender. Em uma das vezes que fomos à escola, chegamo a ver a diretora, porém ela justificou que tinha uma reunião, e pediu que voltássemos em outro horário. Com as ocorrências, percebemos que ela não queria nos receber. Do mesmo modo, entramos em contato com outra escola da mesma região e conseguimos fazer a pesquisa normalmente.

Esses episódios demonstram a falta de conhecimento dos diretores sobre o que é pesquisa e como ela é importante para o desenvolvimento da sociedade. Felizmente, nas outras 13 escolas a pesquisa pôde ser desenvolvida, e fomos muito bem recebidos. Marcávamos o horário com o professor – se ele estivesse ministrando aula no momento – ou fazíamos a pesquisa na mesma hora – se ele estivesse com tempo para nos atender.

A tabela 4 demonstra a caracterização dos sujeitos, quanto à idade, sexo, tempo de magistério no Ensino Médio, tempo de formado, instituição que formou e

escolaridade (apêndice 1). Numeramos os professores (P) de 1 a 15 para uma melhor visualização e leitura dos dados nas tabelas.

Tabela 4 – Caracterização dos professores de Educação Física.

Professores	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
<b>Idade</b>	50	33	36	33	50	32	53	47	46	40	29	27	30	32	51
<b>Sexo</b>	F	F	M	F	F	F	F	M	M	F	M	F	M	M	M
<b>Tempo de Magistério no Ensino Médio/ ano</b>	20	10	10	2	20	11	25	17	12	15	5	5	9	10	26
<b>Tempo de formado</b>	25	10	14	11	30	15	33	22	16	15	6	7	10	10	26
<b>Graduação</b>	EF	EF	EF	EF	EF	EF	EF	EF	EF	EF	EF	EF	EF	EF	EF
<b>Especialização</b>	N	N	N	N	PE	N	EF	PE	PE	EF	N	N	EF	N	PE
<b>Mestrado</b>	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N
<b>Doutorado</b>	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N

Legenda: F: feminino / M: masculino / EF: Educação Física / PE: Pedagogia do Esporte / EFE: Educação Física Escolar / N: Não.

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

Em relação à idade, tivemos uma média de 39,26 anos. O professor mais novo possui 27 anos (P12), com cinco anos de magistério no Ensino Médio e é do sexo feminino. O professor mais velho possui 53 anos (P 7), leciona para o Ensino Médio há 25 anos e também é do sexo feminino. Um ponto importante é que, quando estávamos realizando a pesquisa, o P 12 criticou o sistema de ensino e os alunos, relatando que não tinham interesse por nada e que trabalhar em escolas hodiernamente não é fácil. Argumentos opostos ao P 7, que está quase aposentando; ela relatou que realmente a educação hoje exerce uma função dos

pais – o educar – mas que se vê realizada em ensinar Educação Física e ver os alunos desenvolvendo-se nos conhecimentos que são ministrados.

Esses dados demonstram, pelo menos neste caso, a falta de motivação dos professores que estão iniciando a carreira docente. Jesus (2004) cita que diversos fatores que causam desmotivação nos professores têm sido estudados, como: a obrigatoriedade escolar, a massificação do ensino, o impacto dos meios de comunicação social, a desvalorização do "saber escolar", o baixo salário, a feminização, a juvenilização do corpo docente, o elevado número de professores e a baixa qualificação acadêmica de muitos deles.

Essa baixa motivação para o trabalho acarreta em mal desempenho profissional e, conseqüentemente, na falta de motivação dos alunos também (JESUS, 2004). O P 12, ao responder sobre o uso de livros para a preparação das aulas, escreveu não utilizar nenhum, pois o estado já possui currículo fechado, demonstrando sua falta de interesse em procurar novos meios de mediar os conhecimentos da disciplina. Veremos esses dados mais detalhados a seguir.

Quanto ao sexo, tivemos predominância das mulheres por apenas um professor a mais (8 femininos e 7 masculinos – tabela 4). No decorrer da história docente, a figura feminina sempre prevaleceu no magistério (SENKEVICS, 2011). Porém, de acordo com o censo do professor (2015), há o avanço da presença masculina na docência, conforme avançam as etapas de ensino, em concordância com nossa pesquisa, em que houve um equilíbrio entre os sexos.

Em relação ao tempo de magistério no Ensino Médio e o tempo de formado, notamos um caminhar paralelo desses dados. Somente o P 4, que apresenta grande variação entre o tempo de formado e o tempo de magistério no Ensino Médio, com uma diferença de nove anos (tabela 4).

O censo do professor (2015) também demonstra que 49,75 % dos professores lecionam para mais de cinco turmas e mais de 1 ciclo de ensino, caracterizando a impossibilidade de lecionar somente para um ciclo de ensino – o que mais se identifica – ficando a mercê das atribuições de aulas.

Todos os professores que participaram da pesquisa possuem exclusivamente graduação em Educação Física. Quando questionados sobre pós-graduação, sete deles (professores 5,7,8,9,10,13 e 15) responderam que possuem especialização – lato sensu – na área da Educação Física. Nenhum professor cursou os níveis de mestrado e/ou doutorado (tabela 4).

A tabela 5 representa as respostas da primeira pergunta do questionário “Quais livros didáticos ou pedagógicos você conhece que versam sobre a Educação Física para o Ensino Médio?” (apêndice 2). Ao lerem essa pergunta, percebemos um certo incomodo na expressão facial dos professores, muitos ficaram um grande tempo para responder.

Tabela 5 – Títulos dos livros que os professores conhecem que versam sobre a Educação Física para o Ensino Médio.

<b>Título dos livros citados pelos professores</b>	<b>Professores que conhecem</b>	<b>Total de sujeitos</b>	<b>Adquiridos pelo PNBE</b>
Educação de corpo inteiro	P1	1	Sim
Trabalhando com jogos cooperativos	P1	1	Sim
Para ensinar educação física: possibilidades de intervenção na escola	P1	1	Sim
Movimento e saúde	P2	1	Não
Aulas de Educação Física para Ensino Médio	P3	1	Sim
Educação Física Escolar	P6	1	Não
O ensino dos desportos coletivos	P7	1	Não
Atividade Física, saúde e qualidade de vida	P7	1	Não
A semente da vitória	P7	1	Não
Esporte para a vida no Ensino Médio	10	1	Sim
A janela de vidro	P10	1	Não
Pedagogia do esporte: jogos coletivos de invasão	P10	1	Sim
Não conhece nenhum livro, pois utiliza o currículo do Estado de SP – caderno do aluno e professor.	P4; P5; P8; P9; P11; P12; P13; P14 e P15.	9	—

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

Ao analisar a tabela 5, constatamos que a maioria dos professores (nove) relataram não conhecer nenhum livro, pois utiliza o currículo do estado para

planejarem suas aulas. Alertamos que o total de professores da toda tabela pode ultrapassar o número 15, pois um mesmo professor pode citar mais de um livro.

Em um estudo aprofundado sobre o caderno do professor de Educação Física, Neira (2011) detectou que os conhecimentos são abordados de forma superficial e fragmentada e aborda a Educação Física tradicional, em que os conhecimentos eram passados para todos os alunos, em todas as cidades, de forma igualitária, sem distinção de regiões, como se todo o estado possuísse as mesmas características de ensino. “Currículos assim formatados se configuram como campos fechados, impermeáveis ao diálogo com o patrimônio cultural que caracteriza a diversidade que coabita a sociedade” (NEIRA, 2011, p.26).

O autor explica que apresentar um currículo com conteúdos e textos para a área da Educação Física não é um fator negativo, já que a área possui poucos materiais para estudos. O preocupante na concepção e na aplicação dessa proposta curricular é a estagnação dos professores em buscarem outros meios de conhecimentos e não serem críticos e autônomos na preparação de suas aulas (NEIRA, 2011).

Pessoa (2009, p.54) alude que “a racionalização do ensino tornou os professores, então, meros aplicadores de programas e pacotes curriculares desenvolvidos por agentes externos”, desvalorizando seus conhecimentos adquiridos na graduação.

Apesar do predomínio dos professores que não conhecem livros de Educação Física sobre o Ensino Médio, tivemos seis professores a par dos livros para esse segmento de ensino. Os professores 1, 7 e 10 citaram três livros, o que demonstra a atualização e preocupação em buscar novos conhecimentos.

Seis dos 12 livros referenciados pelos professores estão na lista de livros adquiridos pelo PNBE para a Educação Física (tabela 3).

[...] uma política efetiva de formação de leitores continua a merecer, entre nós, uma reflexão profunda e que certamente esteve na base, em maior ou menor grau, de todas as políticas de promoção de leitura desenvolvidas até o momento. Raramente, em nossas pesquisas sobre acervos de bibliotecas escolares, a recepção e o uso de livros de literatura distribuídos pelos programas de incentivo a leitura são significativos. Essa omissão precisa ser enfrentada, já que o governo é – por meio do FNDE – o responsável pelo maior volume de compras de livros e materiais didáticos do país (PAIVA, 2012, p. 7).

Para as perguntas dois e três do questionário, sendo respectivamente: “Você utiliza alguns desses livros em seu planejamento da disciplina e em aulas que ministra?” e “Na biblioteca da sua escola existem livros sobre Educação Física para o Ensino Médio?”, (apêndice 2) elaboramos a tabela 6.

Tabela 6 – Respostas dos professores de Educação Física para as perguntas 2: “Você utiliza alguns desses livros em seu planejamento da disciplina e em aulas que ministra?” e 3: “Na biblioteca da sua escola existem livros sobre Educação Física para o Ensino Médio?”.

PERGUNTAS	RESPOSTAS	PROFESSORES
<b>Utiliza algum livro para preparação das aulas</b>	Não, pois no currículo as aulas já estão prontas.	P3; P4; P5; P8; P9; P11; P12; P13; P14; P15.
	Sim, todos citados na pergunta número 1.	P1; P2; P6; P7; P10
<b>A biblioteca da escola possui livros para a Educação Física no Ensino Médio.</b>	Sim, mas não me recordo quais.	P1; P2; P3; P4; P12
	Sim, livros de anatomia, jogos cooperativos e recreação	P5; P9
	Sim, livros de Educação Física e Desporto e Anatomia	P7
	Sim, Aulas de Educação Física no Ensino Médio; Pedagogia do Esporte; Esporte para a vida no Ensino Médio, entre outros.	P10
	Não possui	P6; P8; P11; P13; P14; P15

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

Para a pergunta 2 (tabela 6), quando indagados se utilizam algum livro para a preparação das aulas, dez professores mencionaram que não utilizam, pois no currículo do estado as aulas já estão prontas no caderno do professor (P3; P4; P5; P8; P9; P11; P12; P13; P14; P15). Um fato importante é que o P3, que na pergunta 1 relatou conhecer livros sobre a Educação Física no Ensino Médio (tabela 5), informou nessa pergunta que não utiliza nenhum livro, pois tem o caderno do professor (tabela 6). Esses dados demonstram a falta de motivação e interesse dos



professores no planejamento das aulas, ficando a maioria presos nos currículos propostos pelo estado.

Os professores devem participar ativamente do esforço para desentranhar a origem histórica e social do que se apresenta como 'natural', para conseguir captar e mostrar os processos pelos quais a prática de ensino fica presa em pretensões, relações e experiências de duvidoso valor educativo" (CONTRERAS, 2002, p. 185).

Cinco professores disseram que usufruem de livros para a preparação das aulas (P1; P2; P6; P7; P10 – tabela 6), sendo os mesmos livros citados por eles na pergunta 1 (tabela 5).

Na terceira pergunta, “Na biblioteca da sua escola existem livros sobre Educação Física para o Ensino Médio?”, seis professores (P6; P8; P11; P13; P14; P15) responderam que não possuem nenhum livro sobre Ensino Médio nas bibliotecas das escolas que eles trabalham. Outros cinco professores afirmaram que a biblioteca possui livros, mas eles não recordavam os nomes (P1; P2; P3; P4; P12), e quatro (P5; P7; P9; P10) professores citaram os livros presentes na biblioteca sobre Ensino Médio, sendo eles: livros de anatomia; livros de Educação Física e Desporto, Aulas de Educação Física no Ensino Médio; Pedagogia do Esporte: esportes coletivos de invasão e Esporte para a vida no Ensino Médio (tabela 6).

Referente a esses dados, colocamos aqui os livros encontrados nas bibliotecas das escolas (tabela 7). Para uma melhor visualização, numeramos os livros encontrados em ordem alfabética e organizamos a tabela com os números dos livros encontrados em cada escola. São eles:

- 1- Aulas de Educação Física no Ensino Médio;
- 2- Atividade física e esporte na infância e adolescência;
- 3- Da cultura do corpo;
- 4- Educação Física como planejar as aulas na Educação Básica;
- 5- Educação Física cultura e sociedade;
- 6- Esporte para a vida no Ensino Médio;
- 7- O que é beisebol, softbol e hóquei sobre a grama;
- 8- Para ensinar educação física: possibilidades de intervenção na escola;
- 9- Pedagogia do esporte: esportes coletivos de invasão;
- 10- Possibilidades da ginástica rítmica;

Como foi explicado, pesquisamos nas bibliotecas somente os livros adquiridos pelo PNBE do professor para o Ensino Médio. Ressaltamos que nas bibliotecas há vários outros livros pedagógicos que compõe o acervo da escola, mas que não fazem parte do referido programa.

Tabela 7 – Relação de livros de Educação Física para o Ensino Médio presente nas bibliotecas das escolas.

<b>ESCOLAS DOS PROFESSORES (EP)</b>	<b>NUMERAÇÕES DOS LIVROS ENCONTRADOS NAS BIBLIOTECAS</b>
EP1	1; 2; 3; 4
EP2	Não encontramos os livros de Educação Física
EP3	1; 3; 4; 6; 10
EP4	Não encontramos os livros de Educação Física
EP5	1; 3; 7; 9
EP6	2; 4; 6; 9
EP7	2; 4; 6; 8
EP8	3; 6; 7; 8
EP9	1; 5; 6; 7
EP10	1; 4; 5; 6; 7; 8
EP11	Não encontramos os livros de Educação Física
EP12	Não encontramos os livros de Educação Física
EP13	1; 3; 7; 9
EP14	1; 5; 6; 7
EP15	1; 3; 4; 6

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

Dos seis professores que descreveram não haver livros sobre o Ensino Médio na biblioteca da escola em que leciona (P6; P8; P11; P13; P14; P15 – tabela 6), somente o P11 estava correto (tabela 7). Ao entrarmos na biblioteca desta escola, não conseguimos achar nenhum livro sobre Educação Física. O local estava muito sujo, com livros didáticos espalhados pelo chão e lixos sobre eles, não havia uma

sequência lógica nas prateleiras e a bibliotecária não estava presente. A P11 justificou que a escola era nova e, por isso, eles ainda estavam organizando o espaço.

As bibliotecas escolares devem seguir os princípios básicos de organização utilizados em nível nacional e internacional, proporcionando aos seus usuários a compreensão dos sistemas utilizados para o controle dos acervos, bem como das regras de funcionamento destas instituições (HOFFMANN; PEREIRA, 2008, p.2)

Hoffmann e Pereira (2008, p.2), ao pesquisarem sobre as bibliotecas escolares, alertam que “para cumprir adequadamente a sua missão, as bibliotecas precisam estar organizadas com base nas características de seus usuários reais e potenciais, mantendo acervos adequados às suas necessidades”.

Para os outros professores que disseram não haver livros nas bibliotecas, (P6; P8; P13; P14; P15) encontramos vários títulos que versam sobre a Educação Física no Ensino Médio, o que evidencia que tais profissionais não frequentam a biblioteca da escola que lecionam.

Constatamos também que alguns livros que não estavam presentes no *site* do PNBE do professor constaram nas bibliotecas das escolas como acervos do programa (vide tabela 3 e tabela 7). Essa ocorrência pode ter sido feita pela falta de organização do *site*, como já foi mencionado, no qual não conseguimos encontrar todos os acervos comprados para a disciplina.

Analisando as duas tabelas (3 e 7), podemos assinalar também que três livros que constaram no *site* do PNBE do professor como acervo do programa não foram encontrados em nenhuma escola, sendo eles: Educação como prática corporal; Práticas pedagógicas reflexivas em esporte educacional e Trabalhando com jogos cooperativos. Essa diferença entre os dados do *site* do PNBE e o real acervo das bibliotecas das escolas demonstra a falta de organização do sistema educacional. Leite (2011) menciona que, por o Brasil ser um país com vasto número de regiões e habitantes, uma organização de políticas públicas voltadas a educação é difícil de acontecer sem que haja nenhum erro ou advertência. O mesmo autor relata que para ser satisfatório, antes da aplicação de um programa para o país, ele precisa ser estudado e organização minuciosamente para ter o retorno conforme o esperado.

Quando indagados sobre “O que você sente falta em relação a materiais pedagógicos para a Educação Física no Ensino Médio”, (apêndice 2), notamos que

a maioria dos professores (seis - P3; P5; P6; P9; P11; P13) sentem falta de livros que auxiliam na prática do chão da escola. Estes professores detalharam também que, pela falta de material como bolas, arcos, cones, entre outros, é laborioso aplicar os conhecimentos expostos nos livros com os alunos (tabela 8). Tivemos também cinco professores (P1; P7; P10; P14) que relataram não precisarem de nenhum material pedagógico, pois os existentes já os auxiliavam na preparação das aulas, “basta ter criatividade” citou o P1.

Três professores responderam que sentem falta de todos os materiais, pois a área não possui nada para os auxiliar (P2; P4; P8), e dois professores sentem falta de livros didáticos para a área (P12; P15). (Tabela 8).

Tabela 8 – Respostas dos professores para a pergunta “O que você sente falta em relação a materiais pedagógicos para a Educação Física no Ensino Médio? ”

PERGUNTA	RESPOSTAS	PROFESSORES
<b>O que sente falta em relação a materiais pedagógicos para o Ensino Médio</b>	De nenhum material, os que temos são suficientes.	P1; P7; P10; P14
	De todos os materiais, não temos nada.	P2; P4; P8
	De livros ligados a prática da escola	P3; P5; P6; P9; P11; P13
	De livro didático	P12; P15

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

No último questionário (apêndice 3), listamos um pequena mostra de livros que foram produzidos nos últimos anos sobre a Educação Física Escolar, alguns específicos para o Ensino Médio. Os professores marcaram com “X” quais eles conheciam ou já ouviram falar. A tabela 9 representa os livros que foram demarcados pelos professores.

Importante salientar que todo esse levantamento não diz respeito a um julgamento do conhecimento ou não dos professores, mas sim à constatação de hiato entre a produção de livros na área da Educação Física e sua apropriação por parte dos docentes.

Tabela 9 – Título dos livros que constavam no questionário e relação dos professores de Educação Física que conhecem ou leram os livros.

<b>TÍTULO DOS LIVROS QUE CONSTAVAM NO QUESTIONÁRIO</b>	<b>PROFESSORES QUE CONHECIAM E/OU LERAM</b>
Educação Física escolar: do berçário ao Ensino Médio	P6; P14
Para Ensinar Educação Física: possibilidades de intervenção na escola	P1; P2; P4; P7, P8; P10; P11
Educação Física Escolar: desafios e propostas 1	P3; P4; P5; P6; P7; P10
Aulas de Educação Física no Ensino Médio	P1; P3; P10
Educação Física Escolar: múltiplos caminhos	P7; P12; P13
Educação Física no Ensino Médio	P13
Educação Física Escolar: desafios e propostas 2	P5; P7; P10, P12
Esporte para a Vida no Ensino Médio	P4; P8; P6; P7; P10; P13

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

Todos os livros foram marcados por pelo menos um professor, o livro que teve mais conhecimento pelos professores participantes da pesquisa foi o “Para Ensinar Educação Física: possibilidades de intervenção na escola” de Suraya Cristina Darido e Osmar Moreira de Souza Junior, publicado em 2007, pela editora Papyrus, com sete marcações (P1; P2; P4; P7, P8; P10; P11). E o livro menos popularizado (uma marcação – P13) entre os professores foi o “Educação Física no Ensino Médio” de Walter Roberto Correia, publicado em 2011, pela editora Fontoura.

Os professores que mais marcaram conhecimento dos livros, foram o 7 e 10, com cinco marcações cada. Os professores 9 e 15 relataram não conhecer nenhum dos livros mencionados no questionário. Monteiro (2011) aponta que há uma falha na divulgação e também na procura de materiais pedagógicos para a Educação Física, os professores se acomodam nas práticas do dia-a-dia e não se veem necessitados de procurar novos conhecimentos.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após aprofundarmos os conhecimentos nos livros pedagógicos para a Educação Física no PNBE do professor (fases que caracterizaram o referencial teórico e a coleta de dados) e nos dirigirmos até as escolas para identificarmos a utilização dos livros pedagógicos para a Educação Física no Ensino Médio, podemos constatar alguns pontos, neste momento.

Pelas dificuldades de contato com as direções das escolas estaduais de Franca - SP, o fomento de políticas de gerenciamento das escolas, que entendessem as pesquisas como elemento de aprimoramento do processo educativo em seu interior, pode ser uma alternativa para enfrentarmos esses problemas de pesquisa. A instituição sendo pública, ou seja, que conta com investimentos do governo, deve apoiar a área científica em seu interior, para que, posteriormente, os resultados auxiliem seu desenvolvimento.

Dos 15 professores pesquisados, mais da metade (nove) relataram não conhecer nenhum livro que versa sobre a Educação Física no Ensino Médio, informação alarmante, uma vez que é possível encontrar vários livros que, nos próprios títulos, evidenciam que são para o Ensino Médio. Detectamos também que dez professores não utilizam livros para a estruturação de suas aulas, ficando subordinados somente ao caderno do professor que o estado propõe.

A maioria dos professores relatou não haver livros disponíveis nas bibliotecas das escolas sobre a Educação Física no Ensino Médio, porém, ao pesquisarmos nas bibliotecas, encontramos vários livros sobre tal segmento de ensino. Essa incompatibilidade de informações, professor x biblioteca, nos mostra a falta de interesse dos professores em visitar a biblioteca e procurar novos conhecimentos, e ou a falta de comunicação entre os profissionais responsáveis pelo gerenciamento da escola.

Para que estes investimentos não fiquem parados nas bibliotecas enquanto professores denunciam a falta de materiais para a preparação de suas aulas, a produção de oficinas de incentivo à leitura e a busca de novos conhecimentos por meio dos livros disponíveis nas bibliotecas poderiam ser estímulos ao hábito da leitura e ao aproveitamento dos materiais pedagógicos disponíveis.

Quando os livros adentram as escolas, é dever do coordenador pedagógico, no horário de trabalho pedagógico coletivo, alertar os professores sobre os novos

materiais disponíveis e incentivar o uso deles para a preparação das aulas, detalhar sobre o PNBE do professor e disponibilizar horários para os professores irem às bibliotecas para pesquisarem e renovarem seus conhecimentos.

Um planejamento para além do currículo proposto propicia maiores informações, explicações didáticas e metodológicas do conteúdo que será mediado. Como a Educação Física Escolar é uma disciplina que apresenta conhecimentos teóricos e práticos, há uma necessidade ainda maior dos professores pesquisarem meios de mediar todos os conteúdos que a área possibilita.

Houve também uma diferença entre os livros encontrados nas bibliotecas que foram distribuídos pelo PNBE e os resultados encontrados no *site* do programa. Essa discrepância entre os livros adquiridos e a presença deles nas bibliotecas nos deixa duvidosos sobre o investimento que o governo faz nesse programa. Por que as escolas não possuem os livros comprados pelo PNBE do professor? Para onde vai a verba destinada para esses livros? Ou será que foi apenas imprecisão do *site*, que apresentou dados errôneos?

Uma reorganização no *site* do PNBE, com as informações discriminadas em seções, especificadas por ano, por estado e por diretoria de ensino, poderá favorecer novos pesquisadores a encontrarem as buscas almejadas. A relação correta dos livros adquiridos pelo governo, no portal do MEC, propicia um maior controle por parte dos órgãos superiores e também dos diretores, coordenadores, professores, alunos, enfim, de todos os funcionários que irão usufruir dos materiais pedagógicos obtidos.

Os professores relataram necessitar de mais materiais que auxiliem a execução da profissão, porém a maioria deles não visita a biblioteca ou não conhece os livros disponíveis hodiernamente. Resultados intrigantes para nós que sabemos quantos conhecimentos estão parados nas prateleiras das escolas.

Toda a pesquisa foi importante para considerarmos que a Educação Física possui pesquisadores preocupados na formulação de livros para a valorização e desenvolvimento da área e também possui professores no “chão das escolas” que buscam novas formas de mediar o conhecimento e alavancarem suas aulas.

Desde o início do século XXI encontramos vários livros que versam sobre a Educação Física no Ensino Médio e um número crescente de professores relataram conhecer estes livros, nos deixando esperançosos, porque, por meio do PNBE,

estes docentes podem ter o contato facilitado aos livros, encontrando-os no interior das escolas em que lecionam.

Por fim, seria interessante que as universidades e os pesquisadores que produzem conhecimento sobre Educação Física Escolar, em especial no Ensino Médio, pudessem propor estratégias para superar o fosso entre a produção acadêmica e o chão da escola. É fundamental para o sucesso do aproveitamento dos livros na escola que haja uma integração entre pesquisadores e professores. Daí a sugestão para que todo o lançamento de livros escolares seja feito no interior de escolas e de órgãos representativos dos professores do Ensino Médio.

Que a presente pesquisa possa colaborar para isso.



## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzáles. Experiências de inovação educativa: o currículo na prática da escola. In: MOREIRA, Antônio Flavio Barbosa (org.) **Currículo: políticas e prática**. 4 ed. Campinas , SP: Papyrus, 1999.

\_\_\_\_\_, Miguel Gonzáles. **Ofício de Mestre**, Imagens e auto imagens. 3ª ed. Petrópolis/RJ:Editora Vozes, 2001.

AWARD, Hani (Org.) **Educação Física Escolar: múltiplos caminhos**. Fontoura, 2010.

AZEVEDO, Leny Cristina Soares Souza; PEIXOTO, Maria Cristina Dos Santos. Jovens no ensino médio normal: Apontamentos de trajetórias em formação. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 31, n. 84, p. 295-303, 2011.

BENTO, Jorge Olimpo. Conjuntura Corporal, inatividade e obesidade: papel do desporto e da escola, In: MOREIRA, Wagner Wey. et al. (Org.) **Educação Física, Esporte, Saúde e Educação**. Uberaba: UFTM, 2010.

BETTI, Mauro et al. Educação física escolar: estado da arte e direções futuras. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 25, p. 105-115, 2011.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA PROPOSTA DE DIRETRIZES PEDAGÓGICAS, **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** v.1 n.1, p.73-81, 2002.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 48, p. 69-88, 1999.

BRASIL. **Constituição da república federativa do Brasil de 1988**. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm). Acesso em: 20 mai. 2016.

\_\_\_\_\_. **Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação**. Programa Nacional Biblioteca da Escola. 2016. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/biblioteca-da-escola/biblioteca-da-escola-apresentacao>. Acesso em: 02 de jun. 2016.

\_\_\_\_\_. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 1990.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9.394, 20 de Dezembro de 1996. Brasília, DF, 1996.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Secretaria de Educação Básica; - Brasília: MEC/SEF. 2000.

BROOKS, Henry. Wikiquote. Desenvolvido pela Wikimedia Foundation. **Apresenta conteúdo enciclopédico**. Disponível em: <http://pt.wikiquote.org/w/index.php?title=Henry\_Brooks\_Adams&oldid=142173>. Acesso em: 10 dez. 2016.

CATANZARO, Fabiana Olivieri. **O Programa São Paulo faz escola e suas apropriações no cotidiano de uma escola de ensino médio**. 2012. 132p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CENSO ESCOLAR ESTADO DE SÃO PAULO. **Dados do Censo Escolar 2014** - Estado de São Paulo. Coordenadoria de Informação, Monitoramento e Avaliação Educacional - CIMA/DEINF – SEE-SP. 2014. Disponível em: <http://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/967.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2016.

CENSO ESCOLAR DO BRASIL. **Ministério da Educação**. 2014. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=17044-dados-censo-2015-11-02-materia&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=17044-dados-censo-2015-11-02-materia&Itemid=30192). Acesso em: 03 nov. 2016.

CENSO DO PROFESSOR. **Ministério da Educação**. 2015. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/plano-nacional-de-formacao-de-professores/censo-do-professor>. Acesso em 19 nov. 2016.

CHAGAS, Anivaldo Tadeu Roston. O questionário na pesquisa científica. **Administração on line**, v. 1, n. 1, 2000. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Documents/UFTM/Mestrado/Disserta%C3%A7%C3%A3o/questionario.pdf>. Acesso em: 28 julho 2016.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CONTRERAS, José. **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez. 2002.

CORREIA, Walter. Roberto. **Educação Física no ensino médio: questões impertinentes**. 2 ed. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2011.

COSSON, Rildo; PAIVA, Aparecida. O PNBE, a literatura e o endereçamento escolar, **Revista Remate de Males**, Campinas-SP, v.34, n.2, p. 477-499, 2014.

DAOLIO, Jocimar. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

DARIDO, Suraya Cristina. Teoria, Prática e Reflexão na Formação Profissional em Educação Física, **MOTRIZ**, v.1, n. 2, p.124-128, dez,1995.

\_\_\_\_\_, Suraya Cristina. Livro didático na Educação Física escolar: considerações iniciais, **Motriz**, Rio Claro, v.16 n.2 p.450-457, 2010.

DARIDO, Suraya Cristina et al. Educação física no ensino médio: reflexões e ações. **Motriz**, Rio Claro, v.5, n.2, 1999.

DARIDO, Suraya Cristina et al. Educação Física, a formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 15, n.1, p. 61-72, 2001.

DARIDO, Suraya Cristina; SOUZA, Osmar Moreira Júnior de. **Para Ensinar Educação Física: possibilidades de intervenção na escola**, Papirus, 2007.

DE SOUZA NETO, Samuel et. al. A formação do profissional de educação física no Brasil: uma história sob a perspectiva da legislação federal no século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, SC, v. 25, n. 2, Jul. 2008.

DINIZ, Irla Karla dos Santos; DARIDO, Suraya Cristina. Livro didático: uma ferramenta possível de trabalho com a dança na Educação Física Escolar. **Motriz: Revista de Educação Física**, p. 176-185, 2012.

FERNANDES, Célia Regina Delácio; CORDEIRO, Maísa Barbosa Silva da. Os critérios de avaliação e seleção do PNBE: um estudo diacrônico. **Revista Educação**. Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 319-328, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIREa, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2009.

\_\_\_\_\_. Uma outra Educação Física é possível. In: MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina (Org.) **Educação Física e produção de conhecimento: Corporeidade, esporte, lazer, saúde**. Belém: Edufpa, 2009, p. 133 – 148.

\_\_\_\_\_. **Iniciação esportiva; esporte escolar**. Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Educação à Distância, 2005.

GAIO, Roberta; DIAS, Tércia. Educação Física e a busca da inclusão, In: Moreira et al. (Org.) **Educação Física, Esporte, Saúde e Educação**, Uberaba: UFTM, 2010.

GALLARDO, Jorge Sergio Perez et al. Educação Física Escolar: Ensino Médio. In: GALLARDO, Jorge Sergio Pérez (Org.) **Educação Física Escolar – do berçário ao ensino médio**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

GALATTI, Larissa Ribeiro et al. Pedagogia do esporte: procedimentos pedagógicos aplicados aos jogos esportivos coletivos. **Conexões (UNICAMP)**, v. 6, p. 404-415, 2008.

GIMENEZ, Roberto. Século XXI: conquistas e perspectivas na formação de professores de Educação Física, in: GIMENEZ, Roberto; SOUZA, Mauricio Teodoro (Org.) **Ensaio sobre contextos da formação profissional em Educação Física**, Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2011, p. 73 – 82.

HADDAD, Fernando. Palavra do Ministro da Educação: Desafios a vencer. In: MARQUES NETO, José Castilho (Org.). **PNLL: Textos e História (2006 a 2010)**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, p. 26-29. 2010.

HOFFMANN, Elisângela; PEREIRA, Magda Chaves. Biblioteca escolar: carências e possibilidades. **Revista EXTENSIO**, v. 1. n.4, p.1-8, 2008.

JESUS, Saul Neves de. Desmotivação e crise de identidade na profissão docente. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 192-202, jan. 2004. ISSN 1982-0259. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/6458/6317>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: UNIJUÍ, 2000.

\_\_\_\_\_. **Educação Física: ensino e mudanças**. 3 ed. Ijuí: Unijuí, 2012.

LEITE, Alexandre Roberto. A Organização do Sistema Educacional Brasileiro. **Web artigos**. 2011. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/a-organizacao-do-sistema-educacional-brasileiro/66812/> Acesso em: 22 nov. 2016.

MONTEIRO, Aloisio. Novas concepções de conhecimento e formação de professores: um debate para a Educação Física. In: MONTEIRO, Aloisio; CUPOLILLO, Amparo (Org.). **Formação de professores de Educação Física: diálogos e saberes**. Rio de Janeiro: Outras letras. p. 15-25, 2011.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 156-168, 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782003000200012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 29 jun. 2016.

MOREIRA, Evando Carlos (Org.) **Educação física escolar: desafios e propostas 1**. Jundiaí: Fontoura, 2 ed. 2009.

MOREIRA, Evando Carlos; PEREIRA, Raquel Stoilov. **Educação física escolar: desafios e propostas 2**. Jundiaí: Fontoura, 2011.

MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina; MURIA, Angelo José. O fenômeno corporeidade na formação profissional em Educação Física. In MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina (org.) **Educação Física e produção de conhecimento**. Belém: Edufpa, 2009.

- MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina. Educação Física, corporeidade e motricidade: criação de hábitos para a educação e para a pesquisa, In: DE MARCO, A. (Org.) **Educação Física: cultura e sociedade**, Campinas: Papirus, p.71, 2006.
- MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina; MARTINS, Ida Carneiro. **Aulas de educação física no ensino médio**, Campinas, SP: Papirus, 2010.
- MOREIRA, Wagner Wey; NÓBREGA, Teresinha Petrusia da. Fenomenologia, educação física, desporto e motricidade: convergências necessárias. **Cronos**, Natal-RN, v. 9, n. 2, p. 349-360, 2008.
- MULATI, Mauro Felício Barbosa; UTSUMI, Miriam Cardoso; Autoformação docente: Desvelamentos de um processo. Anais **VIII CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - PRO-REITORIA DE GRADUAÇÃO**. p. 24. 2005.
- MUNIZ, Neyse Luz; REZENDE, Helder Guerra de; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Influência do pensamento pedagógico renovador da educação física: sonho ou realidade. Artus – **Revista Educação Física e Desporto**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p.11-26, 1998.
- NEIRA, Marcos Garcia. A proposta curricular do Estado de São Paulo na perspectiva dos saberes docentes. **Rev. bras. Educ. Fis. Esporte**, São Paulo, v.25, n.6, p.23-27, 2011.
- NEVES, José Luis. Pesquisa Qualitativa – características, usos e possibilidades, **Caderno de pesquisas em administração**, v.1, n.3, p. 1 – 5, 1996.
- NISTA-PICOLLO, Vilma Leni; MOREIRA, Wagner Wey. **Esporte para a vida no ensino médio**. São Paulo: Cortez, 2012.
- NÓBREGA, Teresinha Petrusia da. **Corporeidade e Educação Física do corpo-objeto ao corpo-sujeito**. 2 ed. Natal, RN: EDUFRN editora da UFRN, 2000.
- NÓBREGA, Teresinha Petrusia da ; DIAS, J.C.N.S.N. Mais alto, mais forte, mais veloz: expressões da corporeidade. In: MOREIRA, W.W.; BENTO, J.. (Org.). **CITIUS, ALTIUS, FORTIUS: BRASIL, ESPORTES E JOGOS OLÍMPICOS**. .Belo Horizonte: Casa Da Educação Física, v. 1, p. 61-74, 2014.
- NÓBREGA, Mariana, Calife. **Ensino médio: porque tantos jovens não o concluem**. Dissertação (mestrado em Educação). Universidade Federal de Juiz de Fora. Programa de Pós Graduação em Educação. Juiz de Fora. 2011.
- PAIVA, Aparecida. Reflexões sobre políticas públicas de leitura. A integração entre governo e sociedade civil nas políticas públicas de livro e leitura. In: Congresso Internacional Latino Americano de leitura e literatura infantil e juvenil, 2012. Grupo de Reflexão em políticas públicas municipais de leitura, textos para discussão, 2012. Porto Alegre. **Anais**. Porto Alegre: PUCRS, 2012, p.6-9. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IIICILLIJ/Trabalhos/Grupos/politicasmunicipais.pdf>. Acesso em: 25 out. 2016.

PARASURAMAN, Awton. **Marketing Reserch New York: Adisson Wesley Publishing Company**, 1991.

PEREIRA, Flavio Medeiros; SILVA, Adriane Correa da. Sobre os conteúdos da educação física no ensino médio em diferentes redes educacionais do rio grande do sul, **Revista da Educação Física/UEM** , Maringá, v. 15, n. 2, p. 67-77, 2004.

PEREIRA, Ana Maria. A ciência da motricidade humana e as suas possibilidades metodológicas. Filosofia e Educação (Online), **Revista Digital do Paideia**, v.2, n.2, p.376, 2011.

PESSOA, Rosane Rocha. O livro didático na perspectiva da formação de professores. **Trabalhos em linguística aplicada**, Campinas, v. 48, n. 1, p. 53-69, 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-18132009000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132009000100005&lng=en&nrm=iso) Acesso em 18 Nov. 2016.

PRADO, Maria Renata. Pesquisa como estratégia de ensino: uma proposta inovadora em faculdades privadas. **Revista Ensino Superior**, v.1, n 1, 2013.

REIS, Edna Afonso; REIS Ilka Afonso. **Análise Descritiva de Dados**. Relatório Técnico do Departamento de Estatística da UFMG. 2002. Disponível em: [www.est.ufmg.br](http://www.est.ufmg.br). Acesso em: 20 de out. 2016.

ROSA, Flávia Goullart Mota Garcia; ODDONE, Nanci. Políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca. **Ci. Inf.**, Brasília , v. 35, n. 3, p. 183-193, Dec. 2006.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. "**Campos de luta**": o processo de construção coletiva de um livro didático na educação física no ensino médio (dissertação – mestrado). Programa de pós-graduação em Educação Física - UNESP- Rio Claro, 2012. 364 f.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto, et al, Educação física escolar no ensino médio: analisando o estado da arte. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 36, n. 2, supl., p. S353-S369, 2014.

SANTOS, Marco Aurélio Gonçalves Nóbrega dos; NISTA-PICCOLO, Vilma Lení. O esporte e o ensino médio: a visão dos professores de educação física da rede pública. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.25, n.1, p.65-78, 2011.

SÃO PAULO. **São Paulo faz escola**. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo: São Paulo – SP. 2016. Disponível em: <http://www.educacao.sp.gov.br/sao-paulo-faz-escola>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

SCAGLIA, Alcides. Jogo e educação física escolar: Por quê e para quê? In: Moreira, Wagner Wey; SIMÕES, Regina (Org.) **Educação Física: intervenção e conhecimento científico**. Piracicaba: UNIMEP, 2004, p. 107-125.

SENKEVICS, Adriano. A feminização do magistério: considerações iniciais. **Ensaio de Gênero**. 2011. Disponível em:

<https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2011/12/05/a-feminizacao-do-magisterio/>. Acesso em: 19 nov. 2016.

SILVA, Magali Soares da. **O PNBE do professor: uma possibilidade de formação de estudo de caso da superintendência regional de ensino de Governador Valadares**. 2014, 132f. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Juiz de Fora. Programa de Pós-Graduação Profissional em Gestão Pública. 2014.

SOARES, Carmem Lúcia. Educação física escolar: conhecimento e especificidade. **Rev. paul. Educ. Fís.**, São Paulo, S.2, p.6-12, 1996.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira; DARIDO, Suraya Cristina. Dispensa das aulas de Educação Física: apontando caminhos para minimizar os efeitos da arcaica legislação. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.12, n.2, p. 1-12, 2009.

SOUZA JÚNIOR, Marcílio et. al. Coletivo de autores: a cultura corporal em questão. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 391-411, 2011.

\_\_\_\_\_. EDUCAÇÃO FÍSICA E LIVRO DIDÁTICO: ENTRE O HIATO E O DESPERTAR **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 2., p. 479-493, abr./jun. de 2015.

TANI, Go; MANOEL, E. J.; KOKUBUN, E.; PROENÇA, J. E. **Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: EPU: EDUSP, 1988.

TANI, Go. ABORDAGEM DESENVOLVIMENTISTA: 20 ANOS DEPOIS. **Revista da Educação Física**. Maringá, v. 19, n. 3, p. 313-331, 2008.

TUBINO, Manuel Gomes. A educação física e o esporte do ocidente no século XX. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p. 99-100, 2005.

VERONESE, Josiane Rose Petry; VIEIRA, Cleverton Elias. A Educação Básica na legislação brasileira. **Revista Sequência**, n. 47, p. 99-125, 2003.

**APÊNDICE 1****QUESTIONÁRIO PROFESSOR****Perfil**

1 - **Sexo:** M ( ) F ( )      **Idade:** \_\_\_\_\_

**Tempo de Magistério no Ensino Médio:** \_\_\_\_\_

2 – **Carreira Docente**

2.1- Tempo de Formado: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

2.2- Pós Graduação

2.2.1 - Especialização - Sim ( ) Não ( )

Título do Curso e Instituição

\_\_\_\_\_

Título da Monografia

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2.2.2 – Mestrado - Sim ( ) Não ( )

Instituição

\_\_\_\_\_

Título da Dissertação

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2.2.3 – Doutorado - Sim ( ) Não ( )

Instituição

\_\_\_\_\_

Título da Tese

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



**APÊNDICE 2****Questionário 1 - Instruções**

Por favor, responda aos questionamentos a seguir, dando o maior número de detalhes quando solicitado nas questões abertas. Você pode utilizar o verso da folha se o espaço destinado não for suficiente para suas respostas, apenas indicando o número da questão referida.

Você e mesmo sua instituição não serão identificados em nosso projeto de pesquisa, garantido assim o anonimato.

- 1) Quais livros didáticos ou pedagógicos você conhece que versam sobre a Educação Física para o Ensino Médio?

---

---

---

- 2) Você utiliza alguns desses livros em seu planejamento da Disciplina e em aulas que ministra?

Sim ( ) Não ( ) Justifique sua resposta:

---

---

---

- 3) Na biblioteca da sua escola existem livros sobre Educação Física para o Ensino Médio?

Sim ( ) Não ( ). Se sim, quais?

---

---

---

- 4) O que você sente falta em relação a matérias pedagógicos para a Educação Física no Ensino Médio.?

---

---

---

### APÊNDICE 3

#### Questionário 2 – Instruções

Apresentamos a você uma pequena mostra de livros que foram produzidos nos últimos anos sobre a Educação Física Escolar, listados por ano de produção, alguns específicos para o Ensino Médio.

Você já ouviu falar ou teve conhecimento, mesmo que superficialmente e ou por divulgação dos meios de comunicação, de alguns deles?

**Marque com um (X) nos que você teve conhecimento.**

1 - **Educação Física escolar: do berçário ao ensino médio** – Jorge Perez Gallardo (Org.), Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

2 – **Para Ensinar Educação Física: possibilidades de intervenção na escola** – Suraya Cristina Darido e Osmar Moreira de Souza Junior, Campinas: Papirus, 2007.

3 – **Educação Física Escolar: desafios e propostas 1**, Evandro Carlos Moreira (Organizador), Jundiai: Fontoura, 2009.

4 – **Aulas de Educação Física no Ensino Médio** – Wagner Wey Moreira, Regina Simões e Ida Carneiro Martins, Campinas: Papirus 2010.

5 – **Educação Física Escolar: múltiplos caminhos** – Hani Award (Organizadora), Jundiai: Fontoura, 2010.

6 – **Educação Física no Ensino Médio** – Walter Roberto Correia – Jundiai: Fontoura, 2011.

7 – **Educação Física Escolar: desafios e propostas 2**, Evandro Carlos Moreira e Raquel Stoilov Pereira (Organizadores), Jundiai: Fontoura, 2011.

8 – **Esporte para a Vida no Ensino Médio** – Vilma Lení Nista-Piccolo e Wagner Wey Moreira, São Paulo: Cortez, 2012.

Você conhece algum(ns) outro(s) livro(s)?

---



---



---

Desde já muito obrigada pela sua colaboração.

**ANEXO 1****MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA  
SUJEITOS MAIORES DE IDADE**

Produção de Conhecimento em Educação Física no Ensino Médio:  
O impacto dos livros no “chão da escola”.

**TERMO DE ESCLARECIMENTO**

Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa sobre Produção de Conhecimento em Educação Física no Ensino Médio: O impacto dos livros no “chão da escola”, por se adequar a amostra da pesquisa proposta. Os avanços na área ocorrem através de estudos como este, por isso a sua participação é importante. O objetivo deste estudo é investigar junto aos professores de Educação Física do Ensino Médio a utilização de livros pedagógicos como material de apoio para a preparação de suas aulas. Não será feito nenhum procedimento que lhe traga qualquer desconforto ou risco à sua vida.

Você poderá obter todas as informações que quiser e poderá não participar da pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem prejuízo no seu atendimento. Pela sua participação no estudo, você não receberá qualquer valor em dinheiro, mas terá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. Seu nome não aparecerá em qualquer momento do estudo, pois você será identificado com um número.

## ANEXO 1 - CONTINUAÇÃO



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE, APÓS ESCLARECIMENTO.

Produção de Conhecimento em Educação Física no Ensino Médio:  
O impacto dos livros no “chão da escola”.

Eu, \_\_\_\_\_, li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e qual procedimento a que serei submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão e que isso não afetará meu tratamento. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo. Eu concordo em participar do estudo.

Franca, ...../...../.....

\_\_\_\_\_  
Assinatura do voluntário ou seu responsável legal

\_\_\_\_\_  
Documento de Identidade

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador responsável  
**Marina Melo Cintra (016) 99411 7420**

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador orientador  
**Wagner Wey Moreira (034) 9171 6700**

Em caso de dúvida em relação a esse documento, você pode entrar em contato com o Comitê Ética em Pesquisa/ CEP da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, pelo telefone 3318-5854.

## ANEXO 2



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO – Uberaba (MG)  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP

Av. Frei Paulino, 30 (Centro Educacional e Administrativo da UFTM) – 2º andar – Bairro Nossa Senhora da Abadia  
38025-180 - Uberaba-MG - TELEFAX: 34-3318-5854  
E-mail: cep@pesqpg.uftm.edu.br

## IDENTIFICAÇÃO

TÍTULO DO PROJETO: IDENTIFICAÇÃO, ANÁLISE E COMPREENSÃO DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE.  
PESQUISADOR (A) RESPONSÁVEL: REGINA MARIA ROVIGATI SIMÕES.  
INSTITUIÇÃO ONDE SE REALIZARÁ A PESQUISA: UFTM  
DATA DE ENTRADA NO CEP/UFTM: 19/04/2013  
PROTOCOLO CEP/UFTM: 2648

## PARECER

De acordo com as disposições da Resolução CNS 196/96, o Comitê de Ética em Pesquisa da UFTM considera o protocolo de pesquisa **aprovado**, na forma (redação e metodologia) como foi apresentado ao Comitê.

Conforme a Resolução 196/96, o pesquisador responsável pelo protocolo deverá manter sob sua guarda, pelo prazo de no mínimo cinco anos, toda a documentação referente ao protocolo (formulário do CEP, anexos, relatórios e/ou Termos de Consentimento Livre e Esclarecidos – TCLE assinados, quando for o caso) para atendimento ao CEP e/ou à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP.

Toda e qualquer alteração a ser realizada no protocolo deverá ser encaminhada ao CEP, para análise e aprovação.

O relatório anual ou final deverá ser encaminhado um ano após o início da realização do projeto.

Uberaba, 02 de agosto de 2013.

Prof.<sup>a</sup> Ana Palmira Soares dos Santos  
Coordenadora do CEP/UFTM